



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

LARA MUNIZ FEITOSA DO NASCIMENTO

MEMORIAL DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ROTEIRO: *NAQUELE DIA*

FORTALEZA

2019

LARA MUNIZ FEITOSA DO NASCIMENTO

MEMORIAL DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ROTEIRO: *NAQUELE DIA*

Memorial de TCC apresentado ao curso de graduação em Cinema e Audiovisual do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do título de bacharel. Área de concentração: Cinema.

Orientador: Pedro Henrique Cândido da Silva

Aprovada em: ___/___/___ -

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Pedro Henrique Cândido da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Marcelo Dídimo Souza Vieira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Alan Dias Góes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N196m Nascimento, Lara Muniz Feitosa do.

Memorial do processo de criação do roteiro : naquele dia / Lara Muniz Feitosa do Nascimento. – 2019.

112 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Cinema e Audiovisual, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Me. Pedro Henrique Cândido da Silva.

1. Narrativa. 2. Roteiro. 3. Infância. 4. Nostalgia. I. Título.

CDD 791.4

A meu pai, meu primeiro contador de histórias.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Verônica, a ao meu pai, Eliezel, por toda a força e compreensão.

À minha irmã, Lílian, por todas as brincadeiras, histórias e por ser uma de minhas inspirações.

Ao meu irmão, Josué, por todas as risadas e piadas sem graça.

Aos meus amigos de curso, Rebeca Lemos, Nilo Rivas, Simone Santos, Thalia Sousa, Wilker Paiva, Marcus Antonius e Eduardo Barauna, que estiveram ao meu lado realizando, sendo meus companheiros e fazendo destes 5 anos mais alegres.

Às minhas companheiras de toda manhã, Andréa Moreira e Beatriz Oliveira (B2), pela paciência nos piores dias e por todo o aprendizado transmitido.

À Natália Borboleta, por ter sido inspiração e por ter narrado e confiado uma parte de sua história para mim e, além de tudo, por ser luz.

Aos meus amigos de vida, Carolina Monteiro, Rafael Sousa, Marilene Santana de Albuquerque, Larissa Piva, Matheus William, Nanderson, Nathália Arruda, Giovanna Mazza, João Gabriel Napoleão, Vitória Eckhardt, Alana Mary, Renan Falcão e Daniel Matos, por existirem. Sem vocês eu não seria eu.

Ao meu orientador, Pedro Cândido, por todas as críticas construtivas, por ter me ajudado enormemente na construção desse trabalho e por, acima de tudo, me incentivar com suas palavras.

E a todos que, de alguma forma, foram incentivo e inspiração.

“Escrever um roteiro é um fenômeno espantoso, quase misterioso. Num dia você está com as coisas sob controle, no dia seguinte sob o controle delas, perdido em confusão e incerteza. Num dia tudo funciona, no outro não, ninguém sabe como ou porque. E o processo criativo, que desafia análises, é mágica e maravilha.” (Syd Field).

RESUMO

O presente trabalho pretende descrever o processo de criação do roteiro de longa metragem "Naquele Dia". O memorial busca dar conta de contar um pouco sobre a minha relação com essa história, desde as primeiras descobertas relacionadas aos personagens, até a tentativa de encontrar a estrutura adequada que desse conta de levantar os pilares que sustentam a jornada de Tici, Lucas e Júnior. Pretendo ainda abordar a relação com minhas memórias e a nostalgia de uma Fortaleza localizada entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000.

Palavras-chave: Narrativa, Roteiro, Infância e Nostalgia.

ABSTRACT

The present work describes the processes of creation the script of the long-movie "Naquele Dia". The memorial seeks to tells a little bit about my relationship with this story. since the first discovers related to the characters, till the attempt of found the right estrutura that could be strong enough to sutening the pilars from the adventure of Tici, Lucas and Júnior. Also approaching the relation with my nostalgic memories from a Fortaleza located between the end of the decade of 1990 and the begining of the year 2000.

Keywords: Stories, Script, Childhood, Fortaleza and Nostalgia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Set de Filmagem do curta: O sanduíche	13
Figura 2: Set do filme: Projeto Flórida	16
Figura 3: Cena do filme: Sete Minutos Antes da Meia Noite	17
Figura 4: Frame do filme <i>Moonrise Kingdom</i>	23
Figura 5: Irmã e primos jogando <i>Nintendo</i>	25
Figura 6: Cena do filme: Mid90s	27
Figura 7: Estrutura de um roteiro de longa	28

SUMÁRIO

1. O ATO DE CONTAR HISTÓRIAS	9
2. PORQUE ROTEIRO?	11
3. PERSONAGENS	15
4. O CINEMA E A INFÂNCIA	20
5. FORTALEZA NOS ANOS 90/2000.....	23
6. O ROTEIRO E A SUA ESTRUTURA	27
7. CONCLUSÃO	30
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
9. REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS	32
10. ANEXO ROTEIRO:	33

1. O ATO DE CONTAR HISTÓRIAS

Desde o início de nossas vidas somos atravessados por histórias. Histórias nossas, histórias dos outros, as que vivemos e as que ouvimos a partir da vivência de outros. É através dessas narrativas que ouvimos, que nos são passados certos aprendizados e experiências, que nos auxiliam em nossas próprias vivências. Ao ouvir a narrativa da experiência do outro, conseguimos também experimentar essa possibilidade de existência, mesmo que ela esteja inalcançável. As histórias nos formam e nos transformam enquanto sujeitos integrantes de uma sociedade. Me pergunto como seria a nossa vida se tais histórias não existissem, se não tivéssemos o hábito narrar nossas experiências. Porque temos essa necessidade de reviver, recontar e recriar os acontecimentos? Escrevo para tentar encontrar essas respostas.

Uma de minhas primeiras memórias são de quando meu pai, ao me colocar para dormir, me contava suas histórias. Nelas, ele e sua turma viviam aventuras e se metiam em confusões. Até hoje, não sei de onde ele tirava aquilo tudo, se ele viveu aquilo e aumentou os seus relatos ou se ele inventou tudo. Com essa dúvida, um dia eu o perguntei e ele respondeu rindo “eu sei lá de onde eu tirava isso”. Isso me faz refletir: somos todos contadores de histórias, mesmo sem saber. No fim das contas, se nos deixarmos imergir na história, não importa se ela foi vivida de fato ou se é fruto de uma invenção. Torna-se real pois a experiência diante daquilo é real. Assim como era real o que eu vivia ao ouvir meu pai relatar todas aquelas situações que me contava antes de dormir. Talvez por isso a minha aproximação com o cinema e com esse projeto, inventar mundos, pessoas momentos. Na sala do cinema, quando as luzes se apagam, somos levados pois nos deixamos levar. Vivemos a vida daquele personagem, mesmo sem sê-lo.

O contar de uma estória é a demonstração criativa da verdade. Uma estória é a prova viva de uma idéia, a conversão da idéia em ação. A estrutura de eventos de uma história é o meio com o qual você primeiro expressa e depois prova sua idéia... Sem explicações. (MCKEE, 2006, p. 117)

Essas histórias contadas sempre tiveram muito valor afetivo para mim. Primeiro com as histórias do meu pai, as invenções da minha mãe, transmitidas oralmente e também de minha irmã, que narrava as histórias dos jogos (incrível como ela sempre tinha uma nova história para o mesmo personagem na cabeça). E em seguida, quando descobri o mundo da literatura, não sei ao certo com que idade, que me arrepiei de emoção pela primeira vez ao ler essas histórias. O que sei é que a vontade experimentar aquelas vidas que não eram a minha permaneceu até hoje.

Cada história que li e que ouvi me fez ser quem sou hoje e escrever o que escrevo. Em determinado momento, paramos para ver que somos frutos de tudo o que absorvemos. Nós experienciamos essas histórias, elas nos emocionam ou não, tiramos conclusões sobre elas, no fim, carregamos um pouco delas e as ressignificamos, dia a dia. Essas histórias, nos moldam e nos mudam. Amadurecemos e aprendemos através delas:

O hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades; no momento da contação, estabelece-se uma relação de troca entre contador e ouvintes, o que faz com que toda bagagem cultural e afetiva destes ouvintes venham à tona, assim, levando-os a ser quem são. (TORRES, TETTAMANZY, 2008, p.2)

Essas sensações que me eram transmitidas através de palavras ou de imagens me deixam intrigada até hoje. Cada palavra tem um poder gigantesco, mexe com as suas memórias e te faz reviver e lembrar de acontecimentos que você viveu e que estavam esquecidos. O ato de contar histórias para mim, além de entretenimento e de transmissão de conhecimento, é, acima de tudo, um ato de amor e de coragem, falarei melhor sobre isso mais adiante.

As histórias estão aí o tempo todo: dentro dos ônibus, em mesas de bares, restaurantes, em uma simples conversa de rua. Nossas vivências são nossas histórias e estamos a contá-las dia a dia. Essas conversas e situações diárias servem como inspiração para futuras narrativas. Um dos papéis cruciais do bom contador de histórias é saber o que ocultar e a o que dar ênfase em cada uma de suas histórias. O que torna um simples contador de histórias em um contador de histórias que prende seus ouvintes? Robert Mckee diz em seu livro *Story*:

Mesmo que talento para histórias seja raro, você deve ter algum, ou então não estaria louco para escrever. Sua tarefa é espremer dele toda criatividade possível. Apenas utilizando toda e qualquer coisa que você saiba sobre a arte de contar histórias, você poderá fazer seu talento forjar uma história. Pois talento sem o conhecimento da arte é como combustível sem o motor. Ele queima violentamente, mas não resulta em nada. (MCKEE, 2008, p.39)

Eu estive na maior parte do tempo no local do ouvinte. Romper essa barreira e arriscar fazer o que eu sempre tive vontade de fazer foi uma atitude cheia de dúvidas e muito nebulosa. Ser narrador não é tarefa simples. Todavia, sigo em me procurar, me descobrir e em me entender como contadora de histórias. E, de qualquer forma, seguirei o conselho de Mckee: se tenho algo para contar e se “estou louco para escrever”, usarei todas as ferramentas que me foram dadas para fazê-lo.

2. PORQUE ROTEIRO?

Syd Field fala em seu livro Manual do roteiro: “Escrever é uma responsabilidade pessoal — você pode assumi-la ou não.” (FIELD, 2001, p.10). Eu, sendo uma leitora voraz desde o início da minha adolescência, costumava, além de ler, também escrever, tanto diários, como cartas e tentativas de contos online. Nessas escritas, penso que já se iniciava o ato de criação de ficções. Por mais que sejam experiências vividas pela própria pessoa, nós nunca narramos exatamente igual ao que realmente aconteceu. Quando colocamos no papel, já estamos a criar ficção. Walter Benjamin fala: “Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.” (BENJAMIN, 1987, p.205)

Na minha casa, tínhamos um ritual de quase toda sexta-feira irmos à locadora. Minha mãe me deixava livre para escolher uns três DVDs e então eu passava o fim de semana assistindo a esses filmes. Assim foram meus fins de semana em boa parte da minha infância. Além disso, fui uma criança apaixonada por fantasia. A possibilidade de invenção de um mundo à parte, com suas regras, linguagens e até tempos diferentes, me deixava instigada.

O registro sempre esteve muito presente em vários pontos da minha vida, tanto na escrita como pela imagem. No início da minha adolescência, comecei

a pegar a câmera *cybershot* que tínhamos em casa e saía filmando e fotografando momentos do meu dia. Depois, já no meu ensino médio, descobri que eu tinha a possibilidade de editar esse material filmado. Depois dessa descoberta, algumas portas para a revelação do curso de cinema começou a se abrir.

Foi percebendo isso, e notando meu gosto pelo registro e pela possibilidade de brincar em cima desse material, que decidi prestar vestibular para um curso que tivesse a ver com isso, em que eu pudesse construir e desenvolver essas áreas e que pudesse trabalhar com imagens e com escrita. Naquele momento inicial eu pensei que o curso de Jornalismo poderia ser a escolha certa, já que eu poderia exercitar meu gosto pela leitura e pela escrita. Mudei de ideia para Publicidade, acho que por influência da minha irmã mais velha, formada em Design Gráfico. Eu cheguei a ir pro trabalho com ela, e vendo aquilo cheguei a pensar que talvez fosse isso que eu quisesse fazer mesmo. Terminei o terceiro ano do Ensino Médio com essa incerteza. Minha primeira opção foi Publicidade e Propaganda, a segunda opção foi Cinema e Audiovisual. Acabei passando para a segunda opção. E descobri depois do primeiro ano de curso que, afinal, era isso mesmo o que eu queria.

Entrei no Curso de Cinema e Audiovisual em 2015.1, já falando que iria para a área de fotografia. Engraçado isso que quando a gente é mais novo acha que entende das coisas e tem certeza do que se quer. No primeiro ano a maioria das realizações das quais participei, eu estava na fotografia. Ela continua sendo uma área de interesse para mim, muito embora, concluindo o curso, percebi que o caminho que eu trilhava iria mudar.



Figura 1: set de filmagem do curta O Sanduíche

Fiz a cadeira de roteiro e a professora, na época, Michelline Helena, foi uma enorme influência para mim. Lembro que queria ser monitora da disciplina mas acabou que não aconteceu isso. No meu segundo ano de curso, surgiu uma oportunidade de ser bolsista na Escola Integrada de Desenvolvimento e Inovação Acadêmica (EIDEIA). Essa bolsa retomou meu interesse pela área de edição e montagem, que tinham ficado esquecidos, por conta de, ao ter ingressado no curso, eu ter começado a descobrir mais sobre fotografia, deixando a edição um pouco de lado. Como bolsista na EIDEIA, minha tarefa era registrar e fazer a edição do material. Desde essa primeira bolsa, continuei a estagiar na área de edição e montagem. Continuei e continuo me aprimorando nessa área e, paralelo a isso, eu estava fazendo todas as disciplinas de roteiro que apareciam e que eu podia fazer.

Com relação a roteiro, sempre tive medo de arriscar, receio esse que eu não tinha muito na edição. Eu tinha enorme pavor de mostrar o que eu escrevia para as pessoas, por medo de não estar bom. Eu fazia as disciplinas, mas os roteiros continuavam engavetados. Roteiro, Roteiro de Ficção, Narrativa Seriada e Roteiro Adaptado foram as disciplinas que fiz no decorrer do curso. Eu tentava escrever sobre os meus gêneros preferidos: Drama, Cinema Infanto-juvenil, Fantasia e Terror sempre tiveram um local mais especial dentro de todos os gêneros possíveis.

No decorrer desse tempo, estava dividida entre Edição e Roteiro. Mas foi na disciplina de Narrativa Seriada, com o professor Marcelo Dídimo, que a faísca desse TCC apareceu. Durante a disciplina, eu desenvolvi o começo de uma série

infantil, inspirada nas histórias que meu pai me contava antes de dormir. Planejava apresentar o trabalho sozinha, por ser algo bem pessoal, e ao mesmo tempo que desenvolvia essa história, eu estava pensando a bíblia de outra série juntamente com a Thalia, uma amiga que também estava fazendo a disciplina. Uma semana antes de apresentar, tive uma crise de incertezas e decidi guardar a ideia. Eu não me sentia pronta para apresentá-la. E foi isso que fiz, a deixei guardada.

Um ano depois, tive que fazer a decisão: eu estava certa de que não queria dirigir um curta. Nunca foi algo que eu gostasse muito, não sentia a mínima vontade de realizar para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Escrever uma monografia também não era algo que eu sentisse muita atração, e por último: roteiro. Roteiro sempre foi a primeira opção. A escrita do roteiro poderia me possibilitar esse maior desenvolvimento sobre uma das áreas que foi do meu interesse desde que entrei na faculdade. Essa chance de tentar recriar memórias de minha infância e de transformá-las em ficção, foi o que me fez escolher a escrita de um roteiro. Então, apesar do medo gritante de dar o primeiro passo para a escrita de um roteiro de um longa ou de uma série, me decidi. Eu sabia que queria resgatar, de certa forma, a essência presente na idéia de Narrativa Seriada, mas não sabia como. Não sabia se seria longa, ou série, nem sabia muito bem o que realmente eu queria escrever. Sabia que queria escrever. Eu sabia da essência. Eu queria resgatar esse olhar infantil, essa época que, para mim, foi tão marcante. Cheguei na disciplina de Pesquisa e Elaboração de Projetos em Cinema e Audiovisual já com essa decisão, eu queria tratar do olhar infantil nos anos 90/2000, talvez pelo fato de ter vivido a primeira parte de minha infância nestes anos. A partir dessas memórias, imergir na tentativa de criar uma ficção sobre esses dias vividos. E, de alguma forma, pegar a essência dessas histórias que meu pai me contava e tentar transmitir essas sensações e aventuras do universo infantil. A ideia vinda da disciplina de Narrativa seriada mudou bastante, mas a essência do olhar infantil, permaneceu.

Enfim, decidi tentar escrever meu primeiro roteiro de longa. Nas férias do meio do ano estava decidida que iria esvaziar a cabeça e me deixar totalmente aberta para o que surgisse sobre o que eu já tinha definido.

Eu escrevo porque não sei. A preparação para a viagem da escrita implica, no meu caso, o despojar de toda a bagagem. A construção de uma narrativa implica estar disponível. E para se estar completamente disponível há que deixar de saber, há que deixar de estar ocupado por certezas. (COUTO, 2016. p.3)

Foi quando, fazendo o caminho que sempre faço para ir pro estágio, percebi um grupo de três crianças andando sozinhas de bicicleta. Aquela imagem me chamou a atenção e me levou a pensar sobre o tema “fuga” dentro daquele universo já escolhido. Pouco antes do início do semestre eu estava determinada: comecei a pesquisar e ver diversas manchetes de jornal sobre crianças que fugiram de casa, o porquê e o que acontecia com elas. E, coincidentemente, na mesma época, conversando com uma amiga, descobri que ela tinha feito o mesmo, foi assim que nasceu a minha protagonista, Tici. Eu tinha a ideia dos personagens o tema e uma certa sinopse meio nebulosa. Agora, era eu e o documento em branco. O desafio começava.

3. PERSONAGENS

Como "colocar vida" nos seus personagens? Como construir personagens? É uma pergunta que poetas, filósofos, escritores, artistas, cientistas e a Igreja têm ponderado desde o início da história registrada. Não há resposta definitiva — é parte e parcela do mistério e da mágica do processo criativo. (FIELD, 2001, p. 34)

Eu fiz a escolha de criar três personagens que fossem amigos. Não queria criar uma dupla, pois desejava fugir da possibilidade de formação de um casal, levando em conta que os personagens estão em uma faixa de idade em que a puberdade e os primeiros interesses amorosos começam a surgir. Um grupo de quatro crianças já me parecia demais. Cheguei à conclusão de que três era o número ideal. Como referência, um trio de crianças de um dos filmes que utilizei: *Projeto Flórida (2018)*, um filme de Sean Baker, do qual tiro como referências não só as crianças, mas a realidade dura que essas crianças enfrentam:



Figura 2: set do filme Projeto Flórida

A respeito da idade, pensei bastante e, a princípio, passei por idades de crianças mais novas, de cerca 10 anos. Mas, quando comecei a me perguntar se as crianças daquela idade teria coragem suficiente para fugir de casa, cheguei a conclusão de que, talvez. Porém seria um pouco menos verossímil. Pensando nisso, cheguei na conclusão de que a idade de 12 anos seria perfeito, por ser aquela idade justamente da transição da infância para a adolescência e por ser também a idade mais constante nos protagonistas de minhas referências fílmicas.

Como falei anteriormente, a personagem principal, Tici, surgiu de alguns acontecimentos da vida de uma amiga minha. Essa amiga me contou sua história de fugas quando era criança e comecei a refletir e em seguida a pesquisar mais sobre casos parecidos. Encontrei mais referências para a personagem de Tici em *Moonrise Kingdom*, filme de 2012, dirigido por Wes Anderson, com a protagonista Suzy que, assim como Tici, passa por conflitos familiares.

Lucas surgiu de uma vontade de falar sobre essa geração de crianças criadas com um certo distanciamento dos pais. Estes, precisando passar o dia fora de casa por conta do trabalho e deixando, assim, seus filhos sozinhos boa parte do tempo. Lucas nasceu dessa reflexão sobre crianças solitárias e

carentes de afeto parental, como em Conor, protagonista do filme *Sete Minutos Depois da Meia Noite*, de 2017, dirigido por Juan Antonio, um dos filmes que tiro como referência. Conor é um personagem que, assim como Lucas, enfrenta essa solidão. Seu pai é ausente e sua mãe começa a sofrer de uma doença terminal. Conor então começa a enfrentar os seus medos por meio da fantasia. No caso de Lucas, ele acaba compensando esse vazio paterno, através dos amigos e com um programa de televisão.



Figura 3: frame do filme *Sete Minutos Depois da Meia Noite*

Júnior me veio dessa necessidade de ter um personagem com uma vida mais tradicional, sem muitos conflitos familiares intensos, como os de Tici e os de Lucas. Mas, apesar de Júnior não ter conflitos familiares como os dos outros dois, ele tem o problema da superproteção por parte dos pais. E acaba por ser esse personagem mais medroso e racional dos três.

Essas três crianças carregam dentro delas esses problemas familiares e a vontade de conhecer o mundo. Tanto no caso de Tici, com sua motivação por descobrir quem é a sua avó e porque sua mãe mentiu sobre ela, como no caso dos dois meninos, Lucas com sua vontade de ir para São Paulo mesmo sabendo, no fundo, que talvez nunca conseguiria, e Júnior, com o seu medo de ficar só e, assim, acompanhando os amigos nessa jornada.

Abaixo, trago os perfis dos personagens. Estes perfis foram desenvolvidos no decorrer da escrita do argumento e se modificando, de acordo com as necessidades e descobertas acerca dos personagens.

Letícia (Tici): Letícia, 12 anos, morena, magra, cabelos ondulados curtos. Letícia mora com os pais e com sua irmã caçula de 4 anos em Fortaleza. É chamada carinhosamente de Tici pelos seus dois amigos da sua rua, Júnior e Lucas. Ela não tem muito contato com sua família além dos seus pais e da sua irmã caçula. Os avós por parte paterna moram em outro Estado e sua mãe saiu de casa brigada com os pais e desde então não manteve contato com eles. Tici estuda em um colégio de bairro e ela é uma daquelas meninas que, como sua mãe diria, tem o gênio forte. É sincera e costuma falar o que pensa sem aparentar se importar com o que os outros vão achar. Ela gosta de andar de skate, de ler gibis da turma da mônica e de correr na rua. É uma garota inteligente, extrovertida e curiosa. Quando ela está sozinha, costuma ouvir músicas de vários estilos, mas principalmente rock. Também gosta de andar de skate sozinha quando não tem ninguém na rua.

Sua mãe, Helena, sofre um relacionamento abusivo com seu marido, que é alcoólatra. Essas brigas, que são constantes, atingem muito Letícia. Ela odeia seu pai porque ele começou a se mostrar um homem agressivo. Primeiro com ela e pouco tempo depois com a sua mãe. Tici e o pai nunca se deram bem, entretanto, ela ama muito sua mãe, por mais que tenham começado a se distanciar um pouco neste início da sua pré-adolescência, por conta das brigas causadas por seu pai. A mãe, sempre defende o pai, e isso fez com que Letícia se revoltasse diversas vezes.

Quando tinha 6 anos de idade, Letícia presenciou a primeira agressão de seu pai contra sua mãe. Na época, ela correu e se trancou no quarto. Com o passar dos anos, as agressões aumentaram e quando, pela primeira vez, aos 10 anos, Letícia tenta ajudar a mãe, a situação só piora. Apesar das brigas e do clima ruim em sua casa, quando está na rua Letícia é uma garota feliz, é conhecida no bairro pelo seu jeito extrovertido e desenrolado. Ela é

comunicativa e tem uma boa relação com praticamente todos os vizinhos do bairro.

Lucas: Lucas, 12 anos, branco, cabelos pretos e olhos escuros, baixo. É o nerd do trio. Lucas é inteligente, tímido e introvertido. Ele mora somente com seu pai, que passa a maior parte do dia trabalhando e só chega a noite. Sua mãe faleceu quando ele ainda era um bebê. Por conta do pai trabalhar o dia todo, Lucas tem a casa toda para ele, o que o torna uma criança um tanto madura para a idade. Ele se sente bastante sozinho e para compensar isso, acaba passando boa parte do tempo que pode, brincando na rua com os amigos ou então chamando-os para sua casa. Quando está sozinho em casa ele costuma passar o tempo assistindo as milhares de fitas cassete que seu pai trás para ele e o programa televisivo em que Lucas é viciado: o jogo do milhão. Quando não está em casa ou na escola, está na rua com Júnior e Tici. Sua relação com seu pai não é muito boa, o pai, além de passar o dia fora, quando chega, acaba sendo um pouco duro com Lucas.

Na frente do seu pai, ele aparenta ser forte, pois, apesar da sua ausência, ele é sua única família ali, então, Lucas acaba por querer agradá-lo para que ele conquiste sua atenção. Ele gosta de jogar video game e de descobrir coisas novas. É curioso, e, por passar muito tempo sozinho, acaba lendo bastante todas as revistas e livros que encontra pela sua casa. Lucas é o mais calmo e quieto dos três.

Júnior: Júnior, 12 anos, mora com seus pais em um condomínio. Ele é filho único, por isso, seus pais tem uma superproteção um tanto exagerada, o que o faz começar a se rebelar, já que os seus amigos Letícia e Lucas tem uma realidade completamente diferente, e ele se vê cansado de ser tratado daquela forma. A relação dele com seus pais começa a se tornar distante, apesar do cuidado demasiado.

Ele é um menino sensível e, apesar de ser medroso, é capaz de fazer praticamente tudo pelos seus amigos. Adora andar de bicicleta, apesar de não andar com frequência por conta da superproteção dos pais. Sempre que consegue, ele sai em sua bicicleta para encontrar com Lucas e Tici. Ele é o certinho da turma. É como que a voz da consciência do grupo, apesar dele

discordar disso. Ele gosta de contar piadas e de alegrar seus amigos quando eles estão tristes. É o mais apegado dos três aos seus amigos. Júnior é medroso e tem receio em fazer coisas que nunca fez. Ele estuda na mesma escola de Lucas e os dois são amigos de classe.

4. O CINEMA E A INFÂNCIA

O cinema abre-nos os olhos, os coloca na justa distância e os põe em movimento. Algumas vezes, faz isso enfocando seu objetivo sobre as crianças. Sobre seus gestos, sobre seus movimentos. Sobre sua quietude e sobre seu dinamismo. Sobre sua submissão e sobre sua indisciplina. Sobre suas palavras e sobre seus silêncios. Sobre sua liberdade e sobre seu abandono. Sobre sua fragilidade e sua força. Sobre sua inocência e sua perversão. Sobre sua vontade e sua fadiga, sobre seu desfalecimento. Sobre suas lutas, seus triunfos e suas derrotas. Sobre seu olhar fascinado, interrogativo, desejoso, distraído. O cinema olha a infância e nos ensina a olhá-la. (TEIXEIRA, LARROSA, LOPES, 2006, p.12)

Para começar a falar de infância no cinema, me volto para a minha própria infância, agora dentro do universo cinematográfico. Quando eu era criança, não ia muito ao cinema, mas, em compensação, alugávamos filmes na locadora todo fim de semana, além disso, eu era uma criança comum, meio tímida, mas que adorava brincar. E eu, como a maioria de todas as crianças, queria crescer logo, eu tinha esse anseio por ser adolescente, por ser “livre”. E, sendo criança, eu não pensava como eu me sentia sendo criança. Pensamentos que passei a ter posteriormente, já mais velha. Como fala Pascal Bruckner em seu ensaio *La tentación de la inocencia*: “Na vida, há duas infâncias possíveis: a primeira, que nos abandona na puberdade, e outras infância da idade madura, que aflora em flashes, visitas incandescentes, que nos escapa assim que tentamos apanhá-la.”

Para mim, falar de infância é ao mesmo tempo, falar de memórias, Todos já fomos crianças, isso é óbvio, mas, muitas vezes nos esquecemos como pensávamos, como nosso olhar era diferente. Falar sobre o olhar infantil, é

uma forma de tentar resgatar memórias e sentimentos que estão, de certa forma, esquecidos. Tentar transmitir isso visualmente, é tentar voltar a olhar com olhos infantis. Quando somos crianças, não notamos que somos crianças, apenas depois de crescidos, que nos damos conta da diferença do olhar, da sutileza e da inocência que já não existe mais. Quando estamos vivendo, não paramos para pensar que estamos fazendo memórias. Entretanto, quando olhamos para trás, tudo que nos restam são essas memórias. E, quando escrevemos sobre elas, não estamos escrevendo sobre os momentos em si, mas sobre ideias desses momentos, sobre como nos lembramos deles. Reinventando e tentando de alguma forma reviver esses momentos passados.

Apenas na faculdade parei para perceber meu real interesse pelo cinema da infância. Eu percebi que muitos dos meus filmes favoritos retratavam de certa forma o olhar infantil. Foi quando um amigo do curso me fez uma lista com alguns filmes que falavam sobre a infância dentro do cinema. Depois disso, passei a tentar analisar tais filmes, percebendo a sutileza e a simplicidade presente na maioria deles. Em prevalência, são filmes sensíveis com relação ao olhar dos protagonistas. Temos cenas de silêncio e contemplação das pequenas situações e o contraste com essa relação do mundo dos adultos.

É importante ressaltar a diferença entre filmes de infância e filmes infantis. Entendemos como filmes infantis, filmes sendo feitos para as crianças, como forma de entretenimento e como forma educativa. Já filmes de infância, são os filmes que dialogam sobre o “ser criança” e sobre tudo que essa infância carrega. Refletem sobre a inocência, sobre o silêncio, sobre as relações entre amigos e família, sobre como essas crianças vêem o mundo e como interagem com ele. São filmes, como *Conta Comigo*, filme dirigido por Rob Reiner, lançado em 1986, e *Moonrise Kingdom*, já citado anteriormente, que acabaram sendo uma das minhas maiores inspirações. Penso nesses filmes e na relação construída a partir dessa amizade e a aventura que eles vivem por um dia. Há também esse olhar nostálgico vindo desse narrador que relembra um passado longínquo. Embora não haja a figura de um narrador em minha história, essa nostalgia está presente. E *T.S. Spivet*, filme de 2014, dirigido por Jean-Pierre Jeunet, foi outra referência, por ser um filme que retrata T.S, uma criança que,

logo após saber que ganhou um prêmio por uma de suas invenções científicas, parte em uma jornada de aceitação e de descobertas.

Pensar sobre o que nos era importante na infância, o que nos abalava, o que nos deixava contentes, como eram as nossas relações dentro e fora de casa, como reagíamos às coisas, e como gostaríamos de reagir, sendo apenas crianças. Temos essa experiência de primeiro olhar na infância. Estamos realizando as coisas pela primeira vez, descobrindo as coisas, com o olhar mais “aberto”. Isso tudo ajuda a pensarmos o cinema da infância e a sua realidade, sua singularidade e sua gestualidade. Um fator importante também é o fato de crianças enxergarem a passagem de tempo de forma diferente da forma que nós adultos enxergamos. Elas lidam de forma totalmente diferente com o tempo e com o futuro. Escrever sobre a infância vista por olhos já maduros é um desafio. Pois tendemos a introduzir nossa visão já crescida sobre as crianças e não um olhar de dentro do universo infantil. C.S Lewis discorre um pouco sobre isso ao falar:

Quando escrevemos longamente sobre crianças vistas pelos olhos de adultos, o sentimentalismo tende a se introduzir, ao passo que a realidade da infância, tal como todos nós a vivemos, tende a se excluir.(LEWIS, 1952, p.742)

O cinema da infância não retrata apenas o lado bom dessa época, muitas das minhas referências partem de crianças sofridas, no sentido de que passam por problemas, sejam eles pequenos ou grandes. Afinal, *Naquele Dia* também é sobre conflitos familiares e sobre como essas crianças resolvem lidar com isso. *Moonrise Kingdom*, dirigido por Wes Anderson, foi uma das principais referências. Neste filme, duas crianças, que devem ter por volta de seus 12 anos, se apaixonam e fogem de casa. Os dois enfrentam problemas familiares, e, de certa forma, se entendem e se apoiam com relação a isso.



Figura 4: frame do filme Moonrise Kingdom

Acredito que, no final das contas, o roteiro de *Naquele Dia*, acabou sendo metade um filme sobre infância, e outra metade para crianças. Não um filme infantil, mas um filme que possa vir a ser assistido por crianças já mais crescidas. Principalmente por ser um filme em que crianças partem em uma jornada, característica que considero marcante em filmes infanto-juvenis. É um filme que mostra conflitos familiares intensos, mas que ao mesmo tempo brinca com elementos visuais e narrativos que marcam uma época e atraem uma geração de jovens adultos que viveram suas infâncias durante o final da década de 1990 e o começo dos anos 2000.

Em *Naquele Dia*, tentei retratar a infância com essa inocência, mas ao mesmo tempo, que as crianças vão, no decorrer do roteiro, começando a entender melhor como funciona o “mundo real”. Afinal, o trio tem 12 anos, uma idade marcada pelo início do fim da infância. Eles são crianças, mas não tanto. Tem um pouco dessa transição também. Como vemos no filme *Boyhood: da infância à juventude*, dirigido por Richard Linklater e lançado em 2014.

5. FORTALEZA NOS ANOS 90/2000

Eu sempre morei no mesmo bairro, minha infância toda foi dentro de um condomínio e até certa altura da minha rua que eu conseguia ir. Eu achava o máximo quando conseguia ir até um pouco depois, e me sentia incrível quando, minha amiga falava que a mãe dela não deixava ela sair do condomínio e então

eu tinha que ir comprar os bombons na mercearia pra gente. Para mim, com cerca de 10 anos de idade, isso era alguns passos de liberdade.

Só vim conhecer de fato Fortaleza, depois que terminei o ensino médio, ou seja, quando entrei na faculdade. Até então minha relação com a cidade se resumia no meu bairro, e de vez em quando alguns bairros próximos. Vejo agora que essa descoberta pouco a pouco da cidade durante esses anos de curso, e as vezes que me perdi pela cidade, contribuíram para a elaboração desse roteiro. É um roteiro também sobre crianças descobrindo fortaleza, percorrendo bairros que não conhecem direito, ruas que não viam antes. Um filme que tomei como referência com relação a percorrer a cidade e o lugar em que se mora foi: “Onde fica a casa do meu amigo?”, dirigido por Abbas Kiarostami e lançado em 1987. Nesse filme, Ahmad, um menino de 8 anos, sai do seu bairro e vai até outro bairro a procura da casa do seu amigo para devolver um caderno.

O livro de Tércia Montenegro, *Dicionário amoroso de Fortaleza*, do ano de 2014, também foi uma de minhas referências. Tércia vagueia pela cidade quase toda, assim como as três crianças. Fortaleza é enorme e acredito que até hoje, nesses cinco anos rodando por Fortaleza, não cheguei a ir em todos os cantos que ela pode me oferecer. Vejo essa relação com o local que moramos bastante entrelaçado tanto com a descoberta das crianças sobre elas próprias como a descoberta da cidade. Fortaleza é o plano de fundo de Naquele Dia. As crianças percorrem messejana com esse clima meio escuro e deserto na madrugada, chegam na sabiaguaba, passam pelo benfica, até chegarem no centro da cidade.

Quem nasce na capital cearense aprende a respeitar a luz mas não ignora a presença dos mistérios. De que outra maneira conceberia alguns personagens, certos episódios de sua história ou o temperamento - e a linguagem - de seu povo? (MONTENEGRO, 2014.p 9)

Nasci no final dos anos 90, minhas primeiras memórias talvez tenham sido no último ano dessa década, mas, essa transição dos anos 90 para os anos 2000 me marcou bastante. Tenho uma lembrança muito visual desses anos. Era

a época do *nintendo 64*, do *tamagotchi*, do início da internet, da televisão aberta, do *boom* dos programas de TV, das fitas cassete, e em seguida do DVD, das locadoras e etc.



Figura 5: minha irmã e primos jogando *Nintendo*

Fonte: acervo próprio

Tentei inserir essas memórias próprias no roteiro, como lendas urbanas marcantes dessa década: o velho do saco e a lenda do carro preto, procurando recriar a tensão e o medo sentidos por as crianças da época ao ouvir tais lendas, e acreditarem que aquilo poderia realmente ser verdade.

O resgate de produtos do passado – e que serão reconhecidos pelas audiências – ajuda a reafirmar antigos vínculos, relembrar épocas como a infância e a adolescência e sensibilizar espectadores. (LEONEL, 2019, p.4)

O ócio era muito presente, não só na minha, mas acredito que também na de várias crianças que viveram nessa época. O acesso a computadores 24 horas como temos hoje em dia, carregando o celular toda hora, não era possível. Então, as crianças, na maioria das vezes, procuravam na rua e na televisão, formas de se distraírem. Situação que considero também bastante presente em *Naquele Dia*. Tici, Lucas e Júnior estão no mês de férias,

em casa, sem muito o que fazer, e procuram na rua a companhia uns dos outros, formas para se distraírem.

Acredito que a televisão foi uma das melhores companheiras da infância dessa época. Período em que tivemos um grande aumento de programas de auditório e de diversos programas televisivos. Tentei resgatar isso com Lucas tendo o seu amor por um programa televisivo bastante marcante da década: *O Show do Milhão*. Lucas passa horas assistindo a televisão e estudando formas de participar e de ganhar o programa. Todo canto em que eu me virava quando era pequena, lembro de ter alguma televisão ligada exibindo algum programa ou novela. Assim, como proposta de resgatar isso, em outras cenas, temos programas sendo exibidos como plano de fundo dela. Um filme que me fez pensar bastante sobre o retrato da época foi *Mid90s*, filme de 2019 dirigido por Jonah Hill, por ter na sua essência a ideia de resgatar o universo dos anos 90.

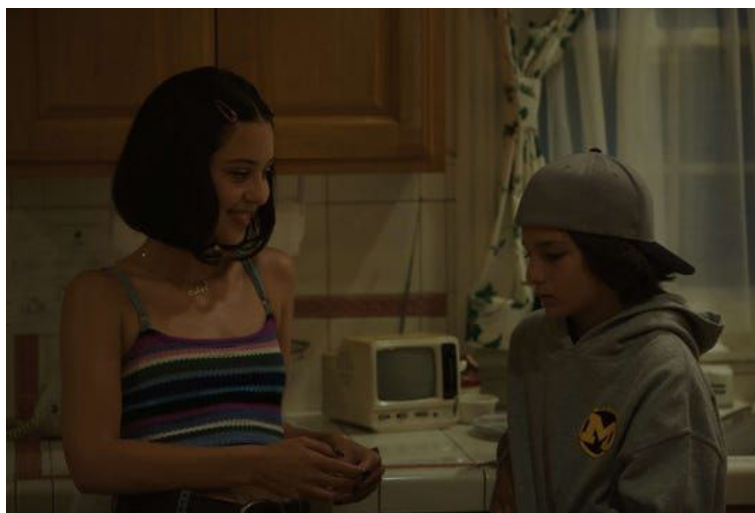


Figura 6: Frame do filme *Mid90s*.

O mundo musical dessa época foi algo que eu descobri depois de um pouco crescida. Por ter crescido dentro de um lar extremamente religioso, eu raramente escutava músicas que não fossem gospel. Era através de amigos que eu ficava sabendo o que eles escutavam e o que estava tocando no momento. *Sandy e Júnior, Xuxa, Mamonas Assassinas, É o tchan* e etc.

6. O ROTEIRO E A SUA ESTRUTURA

Em primeiro lugar, o que é um roteiro? Para mim, a melhor explicação e mais direta é o que Syd Field fala em seu livro *Manual do Roteiro*: “Um roteiro é uma história contada por imagens, diálogos e descrições, localizada no contexto da estrutura dramática” (FIELD, 2001, p.11). É a descrição de todas as ações dos personagens e do seu mundo, tudo visualmente. É quem, onde, quando e fazendo o quê. Essa história contada por imagens, pode ser contada utilizando algumas fórmulas, e uma dessas fórmulas, é o sequência *Approach*.

O sequência *Approach* foi um método criado por Frank Daniel e era baseada nos rolos de filmes que continham pequenos filmes entre 10 e 15 minutos, cada. Ele divide a partir disso, então o roteiro em 8 sequências, como se fossem alguns “mini-filmes”, no caso, as sequências, dentro de uma estrutura de três atos. Em um longa metragem de duas horas, por exemplo, temos uma média de 8 sequências de 15 minutos.

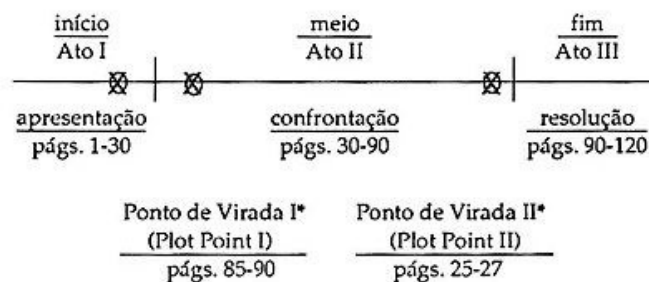


Figura 6: estrutura de um roteiro de longa

A estrutura de três atos é usada desde muito antigamente, Aristóteles afirmava que as pessoas tinham a necessidade de entenderem uma história com início, meio e fim. Essa estrutura de três atos, no cinema, é conhecido como uma estrutura clássica, sendo dividida em: primeiro, segundo e terceiro ato. Dentro desses atos, temos os pontos de virada, que são situações que movem a história

adiante, levando a ganchos para os próximos atos. “Estrutura é o que sustenta a história no lugar. É o relacionamento entre essas partes que unifica o roteiro, o todo” (FIELD, 2001, p.12).

O primeiro ato normalmente está entre a página 1 até a página 30 do roteiro. Neste ato, temos a apresentação de um ou mais protagonistas dentro do seu mundo ordinário em sua normalidade, que chamamos de *Status Quo*. Isso se dá até que um incidente tira o(s) protagonista(s) da sua zona de conforto e o(s) lança em direção à história. Esse chamado pode vir de diversas formas.

(...) Mas o Chamado também pode ser apenas algo que se agita dentro do herói, um mensageiro do inconsciente, que traz a notícia de que chegou a hora de mudar. Esses sinais, às vezes, vêm em forma de sonhos, fantasias ou visões. (VLOGGER, 1998, p.108).

Neste primeiro ato, sabemos quem é o protagonista, quais seus anseios, do que ele gosta, o que ele faz e para onde ele quer ir. Conhecemos Tici, entendemos o universo em que ela vive, ficamos sabendo que ela tem problemas com o pai e entendemos a situação em sua casa. Conhecemos seus amigos e enfim, algo, no caso, ao encontrar a caixinha de cartas da avó até então desconhecida, desestrutura a normalidade do universo e faz com que o protagonista saia para a aventura. Ao final desse primeiro ato, temos o primeiro ponto de virada (*Plot Point*), que é justamente esse chamado: quando Tici e seus dois amigos finalmente fogem de casa. O *Plot Point* serve como um gancho para o ato 2.

No segundo ato, a jornada começa. Esse ato tem cerca de 60 páginas e é onde temos a maior parte da ação. O protagonista já tem aceitado o seu chamado e surgem cada vez mais obstáculos, fazendo com que sua chegada ao objetivo seja dificultada. No ato 2, Tici, Lucas e Júnior já fogem de casa. Eles iniciam a aventura e descobertas do mundo real. A chegada ao objetivo (ato 3), na casa da avó de Tici, parece ser impossível, até que no ponto de virada 2, temos uma drástica mudança, o público se pergunta se o protagonista vai ou não realmente conseguir conquistar seu objetivo. No fim do ato 2, eles quase não encontram a casa, e quando encontram, descobrem que aquela não era a pessoa que procuravam. “Uma vez estabelecida a necessidade de seu personagem, você pode criar obstáculos a essa necessidade” (FIELD, 2001, p. 139).

Dentro desses três atos, temos pequenos pontos de virada, além dos dois pontos de virada entre primeiro e segundo ato e segundo e terceiro ato. O ato 3 também tem cerca de 30 páginas e nele o protagonista alcança, ou não, o seu objetivo. Nele temos o *clímax* da história. O personagem chega no seu limite e tem que tomar decisões que influenciarão no final da história. Nesse terceiro ato, podemos ver uma mudança de pensamento do personagem, ele já não é mais o mesmo personagem do início do filme, ele passou por situações que o mudaram. Podemos ter neste terceiro ato um final aberto ou um final fechado. Ao descobrir que aquela não era de fato sua avó, Tici tem que passar pela tristeza e aceitação. Seus amigos tentam ajudá-la, mas só cabe a ela passar por aquele momento. Sua mãe chega, e as duas têm um reencontro. Tici quer ir para casa, pois não lhe resta mais nada. Mas ao mesmo tempo, tem raiva por a mãe a ter escondido a existência da avó e na sua cabeça, ter feito ela passar por aquilo. No fim, entendemos que pouco tempo depois, Helena resolve deixar o marido e as duas largam tudo e viajam para terem, enfim, o reencontro com a avó.

Em grego, *clímax* significava "escada". Para nós, que contamos histórias, é um momento explosivo, o ponto mais alto de energia, ou o último grande acontecimento de uma obra. Pode ser um duelo físico, ou uma batalha final, mas também uma escolha difícil, um *clímax* sexual, um *crescendo* musical, ou um enfrentamento altamente emocional e decisivo. (VLOGGER, 1998, p. 200).

Foi pensando e estudando essa estrutura clássica que me firmei para escrever este roteiro. Escrevi o argumento do roteiro pensando nessa estrutura e nos pontos que contém, passando em seguida para escrita da escaleta e posteriormente para a escrita das cenas dentro do roteiro.

7. CONCLUSÃO

Depois de 5 anos de curso, de muitas realizações, alegrias, descobertas, dúvidas, incertezas e medos, finalmente finalizo esta etapa com a escrita do meu primeiro Roteiro de longa metragem. Essa não é a versão final

do roteiro, este, que passou apenas pelo primeiro tratamento. Aliás, cheguei na conclusão de que um semestre não é um tempo muito adequado para que eu consiga terminar um roteiro de longa metragem, finalizado e com todos os seus tratamentos possíveis.

Mas, só de ter conseguido cumprir este desafio, de escrever algo que me desperta vontade, me sinto interiormente realizada. Foi um processo intenso, de muitas dúvidas e mudanças, e também de finalmente aceitar o desafio de encarar as páginas em branco. Terminei esse roteiro com a vontade de aprimorá-lo e lapidá-lo, pois sei que ainda existem várias coisas a serem melhoradas e vários erros a serem reparados. E, ao mesmo tempo, também saí desse processo com a vontade de tirar do papel outras histórias que tenho para contar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987
- COUTO, Mia. **Escrever e saber**. In: **INCERTEZA VIVA: processos artísticos e pedagógicos**. 32ª Bienal de São Paulo. São Paulo, 2016
- DE SOUSA, José Miguel Lopes. **O cinema da infância**. Txt: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos, Belo Horizonte, 2008.
- FIELD, Syd. **Manual do Roteiro: Os Fundamentos do Texto Cinematográfico** 14. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda.,2001.
- LEWIS, C.s. **As crônicas de Nárnia: três formas de escrever para crianças**, São Paulo, 2011.
- MCKEE, Robert. **Story: Substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro**. Curitiba: Arte e Letra, 2006.
- MONTENEGRO, Tércia, **Dicionário amoroso de Fortaleza**, Anajé, 2014.
- TEIXEIRA, Inês assunção de Castro, LARROSA, Jorge, LOPES, José de Sousa Miguel: **A infância vai ao cinema**. São Paulo, Autêntica, 2006.
- TORRES, Shirley Milene, TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato: **Contação de Histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação**. Porto Alegre - Vol 4 N. 01, 2008.
- VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor: estruturas míticas para escritores**. 2. ed. Tradução Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

Mid90s (Jonah Hill, 2019)
Billy Elliot (Stephen Daldry, 2001)
Boyhood: Da infância à juventude (Richard Linklater, 2014)
Central do Brasil (Walter Salles, 1998)
Conta comigo (Rob Reiner, 1986)
C'est pas moi, je le jure (Philippe Falardeau, 2008)
Moonrise kingdom (Wes Anderson, 2012)
O ano em que meus pais saíram de férias (Cao Hamburger, 2006)
Onde fica a casa do meu amigo (Abbas Kiarostami, 1987)
O quarto de Jack (Lenny Abrahamson, 2016)
Projeto Flórida (Sean S Baker, 2017)
Radio Flyer (Richard Donner, David Mickey Evans, 1992)
Sete Minutos Depois da Meia Noite (Juan Antonio Bayona, 2017)
T.S Spivet, Uma Viagem Extraordinária (Jean-Pierre Jeunet, 2014)

Naquele dia

Lara Muniz

swentlara@gmail.com

1. INT / QUARTO DE TICI / DIA

TICI (12), cabelos castanhos, curtos e ondulados, escuta música em seus fones de ouvido, enquanto lê um gibi da turma da mônica deitada em sua cama. O quarto está bagunçado, há posterres de filmes espalhados pelas paredes, além de revistas, livros e brinquedos jogados pelo chão. Tici ajusta os fones no ouvido, quando, bem baixo, Helena a chama. A música continua, Tici acompanha a música, quando a porta do seu quarto se abre bruscamente. Ela tira os fones e levanta, ficando sentada na cama e olhando para a porta. Não há ninguém.

HELENA (O.S)
(gritando)

TICI!

Tici suspira, deita na cama e joga o gibi pro lado.

TICI
Que foi?

HELENA (O.S)
Faz horas que eu te chamo. Precisa ir
no mercado comprar feijão e sal.

TICI
Ah não.

HELENA(O.S)
Ah sim, pode levantar!

Tici olha para a porta, entreaberta, levanta, pega outro gibi em cima de uma cômoda, se joga na cama, dá play em outra música e volta a ler.

HELENA (O.S)
LETÍCIA!

Tici suspira novamente, levanta da cama e sai do quarto.

2. INT / COZINHA / DIA

Tici entra na cozinha, que está minimamente em ordem. Há uma mesa redonda no meio da sala, com alguns alimentos pela metade em cima. Tici vai até o fogão, aonde tem uma panela com comida. Ela tira a tampa, olha o que tem dentro e prova a comida com uma colher. Tici então olha para sua mãe, HELENA (35), morena, cabelos longos e pretos.

TICI

Sem sal.

HELENA

É né? Se alguém fosse no mercado ajudaria.

Tici ri. Helena termina de guardar os pratos.

HELENA

Anda, o dinheiro tá no meu quarto.

TICI

Tá. Mas posso ficar com o troco né?

HELENA

Não Tici.

TICI

Por favor!

HELENA

E a gente tem que economizar, já tô é devendo o mercadinho.

TICI

Nem vai fazer falta.

Tici faz uma cara triste, a mãe suspira.

HELENA

Tá bom, só essa vez viu?

Tici sorri, corre para fora da cozinha, chega até a entrada, volta e abraça a mãe, que retribui o gesto. Helena faz uma expressão de dor, afastando discretamente os braços de Tici. Tici solta um pouco do abraço, indo um pouco para trás. As duas se olham, Helena dá um sorriso forçado. Tici sai correndo da cozinha.

3. INT / QUARTO DE HELENA / DIA

Tici entra no quarto onde há uma cama de casal. Em cima está jogada uma blusa masculina e algumas roupas de criança mais nova. Tici passa a mão por um guarda roupa que está de frente para a cama e vai em direção a um móvel. Ela procura o dinheiro rapidamente em cima da cômoda. Não encontrando, abre a primeira gaveta da cômoda, fecha. Quando vai abrir a segunda, a maçaneta da gaveta cai, rolando para debaixo da cama.

TICI

Droga!

Tici se abaixa para pegar a maçaneta debaixo da cama. Ela procura o objeto, mas quando finalmente encontra, ela esbarra em uma caixinha de madeira. Ela pega a caixa, hesitante. Ao abrir, ela se depara com várias cartas com a cor já amarelada pelo tempo. Ela pega uma delas e vê escrito no envelope: "Para Helena"

HELENA (O.S)

Tici?

Tici levanta do chão, rapidamente e coloca a carta dentro do bolso de seu short.

Nesse momento, Helena entra no quarto. Tici está com a maçaneta na mão, de frente para a porta.

TICI

Quebrou de novo.

HELENA

Tá tudo caindo aos pedaços nessa casa.

Helena pega a maçaneta e olha em cima da cômoda em que Tici procurou primeiro pelo dinheiro. Tici sorri.

TICI

Juro que não tava aí.

Helena dá o dinheiro na mão de Tici, que o guarda no bolso e sai do quarto.

4. EXT / CALÇADA DE TICI / DIA

Tici sai de casa olhando para baixo enquanto conta as moedas. Ela esbarra em FRANCISCO (40), alto, magro e vestindo roupas amassadas. Tici dá um pulo pra trás e todas as moedas caem no chão. Francisco coloca a mão na cabeça de Tici, que se abaixa para pegá-las.

FRANCISCO

Pra que essa pressa, posso saber?

Francisco sorri para Tici, ela permanece juntando as moedas, olhando para o chão. Francisco tira a mão da cabeça de Tici e escuta algum barulho que vem de dentro da casa.

FRANCISCO

Tua mãe não foi trabalhar não?

TICI
Ela tá com dor de cabeça.

Francisco suspira e se dirige para dentro de casa. Tici pega seu skate e começa a andar pela rua.

FRANCISCO
(gritando)
Tici!

Francisco está na frente da porta e chama Tici com a mão. Tici para por um instante, olha para a outra rua, e volta andando no skate.

5. INT / COZINHA / DIA

Tici em frente a mesa da cozinha, corta um pão e coloca mussarela e presunto dentro.

HELENA (O.S)
Tici, trouxe o sal?

TICI
É... Eu tô...

FRANCISCO (O.S)
Ela tá fazendo o lanche da Clara.

HELENA(O.S)
Eu preciso terminar de fazer o almoço.

FRANCISCO (O.S)
Essa hora?

HELENA (O.S)
Sim, falta só o sal.

FRANCISCO (O.S)
Jantar né?

Tici termina de preparar o sanduíche, quando Clara (4), cabelos cacheados na altura dos ombros, aparece na porta da cozinha, coçando os olhos.

HELENA (O.S)
Se tu não tivesse atrapalhado.

FRANCISCO (O.S)
(agressivo)
Atrapalhado? Eu fiz foi ajudar. A Clara ia acordar e não ter nada pra

comer.

Silêncio. Clara e Tici se olham. Clara sorri.

FRANCISCO (O.S)

A Letícia já tá grande, tá na hora de cuidar da Clara também.

CLARA

Tô com fome.

Ouvimos a porta do quarto batendo com força. Tici pega o sanduíche e dá para clara.

6. INT / SALA DE TICI / DIA

Tici e Clara estão sentadas, Clara no chão e Tici no braço do sofá da sala. Clara come enquanto assiste o desenho na TV. Tici assiste junto com a irmã.

HELENA (O.S)

(ouvimos baixinho)

Tava em cima da mesa, tá atrasado já.

FRANCISCO (O.S)

(baixo)

Eu dou um jeito nisso!

HELENA (O.S)

Que jeito? Não é nem metade do mês e já não sobrou nada.

FRANCISCO (O.S)

(mais alto)

O que tu quer que eu faça?

HELENA (O.S)

(mais alto)

Para de gastar o dinheiro das contas com cachaça.

Tici olha para a porta do quarto e aumenta mais o volume da Televisão. Tici hesita por um momento, mas em seguida vai até a porta e encosta o ouvido.

FRANCISCO (O.S)

Não tem, faz três meses que eu procuro emprego, três meses!

HELENA (O.S)

Mas tirar a Tici da escola que ela tá

faz tempo, não tem sentido.

Sons de passos dentro do quarto.

HELENA (O.S)

A gente consegue continuar pagando a mensalidade se tu parar de beber.

FRANCISCO (O.S)

Cala a boca!

Sons de passos mais próximos, barulho na porta. Tici corre e senta no sofá, fingindo assistir TV. A maçaneta da porta gira, mas não abre. Segundos depois Francisco abre a porta, mas não olha para as meninas, apenas segue reto até o pote de dinheiro da cozinha. Ele pega o dinheiro e sai de casa.

7. INT / QUARTO DE HELENA / DIA

Helena está de costas, sentada na cama. Ela se vira quando Tici abre a porta. Tici se senta ao lado de Helena. As duas permanecem olhando para o chão.

TICI

Eu vou mudar de escola?

Helena olha para Tici.

HELENA

Trata de ir logo comprar o sal.

Clara entra no quarto, animada e sobe no colo de Helena.

Helena sorri.

CLARA

Quero bombom!

Tici dá um beijo na cabeça da irmã e sai do quarto.

8. INT / MERCADINHO / DIA

Dona Maria (45), lê uma revista e está sentada atrás de um balcão em uma mercearia pequena. Na frente do balcão há bombonieres e o mercadinho tem cerca de três fileiras de produtos. Não há nenhum cliente, até que Tici entra.

TICI

Boa tarde Dona Maria.

A senhora abaixa a revista, deixa os olhos de fora, vê que é

Tici e volta para sua leitura. Tici entra em uma das fileiras, pega o feijão e o sal. Em seguida se dirige para o balcão, tira as moedas do bolso e as joga ali em cima. JÚNIOR (12), magro e cabelo raspado, chega freando a bicicleta em frente ao mercadinho e a deixa encostada na entrada. Ele entra no mercadinho e fica ao lado de Tici.

TICI

E o troco de bombom de iogurte, por favor.

A senhora tira o óculos, olha pra Tici, em seguida para o sal e o feijão, se inclina para frente e conta as moedas rapidamente.

SENHORA

Tá faltando 50 centavos.

Tici olha para a senhora meio sem acreditar. A senhora levanta da cadeira e vai até uma portinha ao fim do balcão. Nesse momento Tici abre rapidamente a bomboniere, enche as mãos de bombons e os coloca dentro do bolso. Júnior a olha, repreendendo-a. Tici revira os olhos. A senhora volta e mostra o caderninho. Tici se mantém séria.

SENHORA

A conta já tá em 10,50 com esse agora, avisa pra tua mãe.

Tici afirma com a cabeça, pega o que comprou, coloca dentro de uma sacola e se direciona pra sair.

TICI

Tá bom Dona Maria, amanhã eu volto.

JÚNIOR

Tchau!

A senhora fica encarando os dois saírem e volta a ler a revista.

9. EXT / CALÇADA DE TICI / DIA

Júnior e Tici estão sentados na calçada. Tici tira dois bombons do bolso, dá um para Júnior e abre o outro. Os dois comem. Passam carros na rua.

JÚNIOR

Cinza.

TICI
Preto.

TICI
Preto.

JÚNIOR
Cinza.

Helena aparece na calçada.

HELENA
Tici pelo amor de Deus, que que
custava deixar o sal lá?

TICI
Esqueci.

JÚNIOR
Eu ganhei?

TICI
Não, passaram 5 pretos e quatro
cinzas.

JÚNIOR
Que? Foram 5 cinzas e quatro pretos.

Helena olha para os dois, sorri para Júnior.

HELENA
Oi meu filho.

JÚNIOR
Oi tia.

Helena olha para os dois, que comem bombom.

HELENA
Não demora não Tici, vou terminar a
comida.

Tici concorda com a cabeça. Helena entra dentro de casa e os
dois continuam comendo os bombons.
Tici vê que só restam três bombons e guarda o resto no
bolso. Ela se levanta, olha para um lado da rua.

TICI
Bora ali?

JÚNIOR

Mas a tua mãe falou pra...

TICI

Nada não, a gente não demora.

10. INT / CASA DE LUCAS / DIA

Lucas (12), cabelos pretos e óculos de grau, está sentado no meio de uma sala. A sala está um pouco bagunçada, há pratos no chão e uma grande televisão em cima de um móvel alto. Em cima do móvel há várias fitas cassetes de filmes e vídeo-game nintendo. A Televisão está ligada e ouvimos a música de início do programa do Show do Milhão. Lucas assiste atento.

SILVIO SANTOS

Bem senhores telespectadores, vai começar o Jogo do Milhão. E você já sabe que pode participar, é só comprar a revista SBT.

Vemos a TV, enquanto alguém bate na porta, o programa continua e Lucas permanece vidrado na televisão. A porta abre e Tici e Júnior entram na sala.

TICI

Falei que ele tava assistindo de novo?

Tici estende a mão para Júnior, que tira um bombom do seu bolso e dá para ela, suspirando. Tici abre o bombom e come enquanto se joga no sofá. Júnior senta em uma cadeira perto de Lucas. Os três continuam assistindo a televisão

SILVIO SANTOS (O.S)

Vamos para a segunda rodada... Em que estado do Brasil nasceu a apresentadora XUXA?

Lucas pega seu caderno e anota algo.

JÚNIOR

Ah, mas essa é muito fácil né.

LUCAS

Qual é então? Duvido tu saber.

JÚNIOR

Número 3 é claro.

SILVIO SANTOS (O.S)

Está certa disso?

LUCAS
Errou. É dois.

Lucas, Tici e Júnior encaram a televisão. Um momento de silêncio.

SILVIO SANTOS (O.S)
Número 2. Certa resposta.

Lucas anota no caderninho, sorrindo.

LUCAS
Essa tava muito fácil.

TICI
Realmente.

LUCAS
Hoje a noite viu?

JÚNIOR
O que?

LUCAS
O sorteio.

JÚNIOR
Tá e o que que tem?

LUCAS
Que eu vou ser sorteado ué.

JÚNIOR
Ai, essa de novo não. Isso é Tudo mentira.

TICI
Não é não, minha mãe falou que uma tia avó dela foi sorteada

JÚNIOR
Quem?

TICI
Não sei o nome, mas acho que ela não pôde ir.

JÚNIOR
Tá vendo? Mentira.

Lucas tira a fita do VHS, coloca outra.

LUCAS

Não é não.

JÚNIOR

Minha mãe falou que é tudo lavagem de dinheiro.

Outro dia de programa começa.

TICI

E tu sabe o que é lavagem de dinheiro?

Júnior fica calado, eles se olham e riem. Lucas pega o seu caderno e escreve. Arranca duas folhas e dá para Tici e Júnior.

LUCAS

Vai, vamo contando agora.

Tici levanta, pega duas canetas em cima da mesa.

TICI

Ugh, que cheiro é esse?

11. INT / COZINHA DE LUCAS / DIA

Tici entra na cozinha, que está coberta por uma fumaça branca. Ela tampa o nariz. Atrás dela, Lucas entra correndo em direção ao fogão com a mão tapando o nariz e a boca. Ele desliga o fogo. Ele pega um copo, enche de água e se prepara para jogar dentro da panela. Tici corre pela frente de Lucas.

TICI

Não não, pera!

Tici pega um pano, segura o cabo da panela com ele e joga a panela dentro da pia, abrindo a torneira. Júnior chega por trás de Tici e inala uma dose da sua bombinha de asma. Os três ficam olhando a panela encher de água dentro da pia.

LUCAS

Que droga.

Os Tici e Júnior riem. Lucas irritado, abre a geladeira, enche um copo de água. Abre o armário e pega um biscoito. De repente o telefone começa a tocar de dentro do quarto. Lucas sai da cozinha.

12. INT / SALA DE LUCAS / DIA

Tici senta no sofá, fica olhando para a televisão, pega no

seu bolso e sente a carta. Olha para o corredor e se certifica de que está sozinha. Ela tira a carta do bolso e a abre devagar. O papel está amarelado e um pouco desgastado. Tici lê:

''Minha filha, como você está? Eu estou bem, tive uma virose semana passada, mas tudo está bem. Te mandei uma encomenda que deve chegar em breve, depois me fale o que você achou. Sinto falta de falar com você, depois daquele...''

Tici escuta umas pisadas vindas do corredor e guarda a carta novamente no bolso. Lucas entra na sala meio cabisbaixo, pega as folhas de papel e dá para Tici. Ele dá o play na Televisão, aumenta o som e se senta no chão na frente de Tici. Júnior volta, pega o papel e senta no sofá.

JÚNIOR

Quem era?

Eles se preparam para jogar.

LUCAS

Meu pai.

JÚNIOR

E o que ele queria?

LUCAS

Nada não, deixa pra lá.

Tici se inclina para pegar as canetas, que estão jogadas no chão. Lucas vê uma mancha roxa no seu braço. Tici volta e a blusa cobre o machucado novamente. Lucas fica olhando Tici, que disfarça. O programa começa.

JÚNIOR

Ah, não aguento mais jogar.

Júnior se joga no sofá, suspirando. Lucas revira os olhos

LUCAS

Agora que a gente começou.

JÚNIOR

Nam, todo dia isso.

LUCAS

Só porque tá perdendo!

JÚNIOR

Nem é!

Tici desliga a TV e vai até a janela. Júnior e Lucas vão em seguida e ficam ao lado dela.

TICI
Vamo fazer outra coisa.

LUCAS
O que?

13. EXT / RUA / DIA

Os três estão embaixo de um orelhão, na mesma rua, quase em frente ao mercadinho de Dona Maria. Tici segura o telefone ao ouvido.

TICI
Desligou.

Os três riem.

TICI
Vai, tua vez

Tici entrega o telefone na mão de Júnior, que começa a discar, mas em seguida coloca o telefone de volta no gancho.

JÚNIOR
Não sei, pra quem?

TICI
Pra Dona Maria.

Os três se olham e em seguida olham para o mercadinho quase de frente para eles. O portão de ferro balança.

JÚNIOR
Ah não. Vocês não viram o que aconteceu com o Carlos?

TICI
Carlos?

JÚNIOR
Sim. Ele tá sumido.

LUCAS
Faz semanas que não tenho notícia dele mesmo.

JÚNIOR
Tão dizendo que um carro preto levou

ele.

LUCAS
Pra onde?

JÚNIOR
Não sei.

TICI
E o que que tem a Dona Maria a ver
com isso?

JÚNIOR
Que falaram que ela tá por trás
disso.

Os três olham novamente em direção ao mercadinho. Dona Maria
está sentada em uma cadeira fazendo palavra cruzada.

TICI
Será se ele não fugiu de casa?

JÚNIOR
Ela tava falando com a pessoa do
carro preto.

TICI
Que história...

JÚNIOR
Foi o que disseram.

LUCAS
Se bem que...

TICI
O que?

LUCAS
Teve aquele dia da bolada que ele deu
nela e ela disse que ia ter volta.

TICI
Vocês tão vendo filme demais. Eu
tenho por mim que ele fez foi fugir.

JÚNIOR
Fugir?

TICI
É

JÚNIOR
Fugir por que?

LUCAS
Se eu tivesse aquela mãe dele eu
também fugiria.

Os três riem.

JÚNIOR
Verdade, eu também.

LUCAS
Fugia nada, do jeito que tu é
medroso.

JÚNIOR
Fugia sim!

Tici olha para Lucas.

TICI
E tu tinha coragem?

LUCAS
Claro!

JÚNIOR
Duvido.

TICI
(olhando para Júnior)
Tenho certeza que tu não tinha.

JÚNIOR
Eu tenho sim.

Dona Maria aparece na entrada do mercadinho e os três automaticamente se calam. Dona Maria permanece na entrada do mercadinho.

TICI
Como tu ia fugir se tem coragem nem
pra passar um trote?

Tici segura o telefone e da na mão de Júnior. Tici e Lucas olham para Júnior, que suspira. Júnior coloca o telefone no gancho, em seguida tira, coloca-o no ouvido e começa a discar. Os três esperam. Júnior olha para Dona Maria, que entra novamente dentro do mercadinho.

DONA MARIA

Alô?

Júnior desliga rapidamente.

14. INT / CASA DE JÚNIOR / NOITE

Júnior está sentado em uma mesa de jantar no meio de uma sala bem iluminada. A mesa está arrumada e Júnior e seus pais comem macarronada. Próximo da mesa há móvel com fotografias da família em cima e uma televisão que exibe uma reportagem no Jornal. JOANA (37), cabelos cacheados, veste um vestido longo e confortável, e RICARDO (40), careca e forte. Joana olha para Júnior, que come esfomeado.

JOANA

Como foi hoje Júnior?

JÚNIOR

Normal.

JOANA

O combinado era voltar às 17h.

JÚNIOR

Mas 17h ainda tem sol.

Ricardo tira os olhos da TV e olha para Júnior.

RICARDO

Não contrarie sua mãe, se a gente falou 17h, é 17h.

Júnior brinca com o macarrão no prato.

JÚNIOR

A gente não. Ela.

Ricardo fica sem reação, e olha para Joana.

JOANA

A gente sim, e você fale direito.

Júnior mexe com o garfo o macarrão no prato, até que volta a comer.

Ricardo continua comendo, sem prestar muita atenção, olhando para a TV que está ligada em um volume baixo. Joana termina, levanta da mesa e dá um cheiro na cabeça de Júnior.

JOANA
Que cheiro de queimado é esse?

15. INT / SALA DE TICI / NOITE

Tici abre a porta, correndo animada.

TICI
Mãe! adivi-

Tici vê algumas garrafas de bebida jogadas perto do sofá e escuta uns barulhos de mão batendo em algum móvel, vindo da cozinha. Ela para no meio da sala e pisa cuidadosamente. Há um pequeno momento de silêncio em que Tici caminha para mais perto da cozinha.

HELENA
Vai ficar calado mesmo?

Tici observa a mãe por uma brecha, Helena olha para Tici, com medo.

FRANCISCO (O.S)
Nada? O que que eu tenho feito nos últimos meses?

HELENA
E eu preciso responder?

Helena encara Francisco, com raiva. Francisco parte para cima de Helena e, na hora, Tici corre e segura a mão de Francisco. Ele joga Tici com raiva contra a parede. Helena corre para perto de Tici, se certifica de que ela não se feriu e olha para Francisco com raiva e com os olhos cheios de lágrimas.

Francisco olha para as duas no chão, pega uma garrafa de bebida ao seu lado e sai, batendo a porta com força.

Clara chora abafado, de dentro do quarto. Helena ao ouvir, permanece sentada por alguns segundos, suspira, se levanta e sai. Tici se mantém sentada abraça as pernas e olha para o chão. Ela olha através da janela da cozinha enquanto escuta de longe sua irmã parando de chorar aos poucos. Quando tudo está em silêncio, Tici levanta lentamente e sai da cozinha. Ela passa pela porta do quarto de Clara, e vê Helena e Clara na cama. Helena coloca Clara para dormir. As duas se olham e Tici entra no quarto do lado.

16. INT / QUARTO DE TICI / NOITE

Tici joga com raiva todas as roupas e revistas que estavam em

cima da sua cama no chão. Ela deita na cama e olha para o teto. Tici fica um momento assim, quando Helena entra no quarto. Helena se senta ao lado de Tici e olha para ela. Tici não olha para Helena, continua deitada olhando para o teto. Em seguida Tici vira a cabeça para o outro lado. Helena pega na cabeça de Tici.

HELENA

Eu juro que isso não vai mais acontecer.

Tici não se mexe.

HELENA

Quando ele voltar, eu termino tudo.

Tici se vira, olha para Helena, em seguida para o teto novamente.

TICI

Já ouvi isso.

Helena dá um beijo demorado na cabeça da filha. Pega nos braços dela, pescoço, rosto.

TICI

Eu tô bem, não aconteceu nada.

Tici olha para o outro lado do quarto.

HELENA

Me desculpa... (silêncio). Tenta dormir tá?

Tici permanece deitada. Helena sai do quarto e fecha a porta. Tici suspira. O vento balança as folhas das revistinhas, agora jogadas no chão. A maçaneta do seu quarto mexe suavemente. Tici se senta na cama e olha assustada para a porta. Clara abre a porta.

CLARA

Não consigo dormir

Tici levanta, coloca a mão no bolso e tira os bombons que tinha guardado.

17. INT / QUARTO DE CLARA / NOITE

As duas estão no quarto escuro, não vemos muito além de um abajur que ilumina a cama de Clara. Clara e Tici estão deitadas em uma cama de solteiro. Clara tenta abrir o bombom,

não consegue. Tici abre o bombom para a irmã. Clara come o bombom, Tici sorri.

TICI
Não conta pra mamãe viu?

Clara confirma com a cabeça, e guarda os outros dois bombons debaixo do travesseiro. Tici passa a mão no cabelo da irmã.

CLARA
Conta uma história, Ti

Tici olha para Clara.

TICI
Tá, mas só se tu ficar de olho fechado.

CLARA
Tá bom.

Clara fecha o olho. Tici fica olhando uns segundos pra ver se Clara não vai abrir.

TICI
Era uma vez uma princesa. A princesa, estava brincando no seu belo quintal.

CLARA
De que?

TICI
Pula corda, Clara. Não fica interrompendo.

Clara ri.

TICI
Tá... Quando ela pisou em cima de uma bola de areia. Ela achou estranho aquilo então cavou, cavou e viu que era um tesouro escondido.

CLARA
O que era?

TICI
Clara, tem que prestar atenção.

Tici fica em silêncio.

TICI

Sim. ela achou um tesouro, mas na verdade, o que ela achava que era um tesouro, era na verdade um mapa para o verdadeiro tesouro. Então a princesa pensou...

18. INT / QUARTO DE TICI / NOITE

Tici fecha sua porta e se certifica de que está realmente trancada. Ela se senta na cama e tira a carta do bolso. Ela continua a ler a carta.

'Depois daquele dia. Sei que você guarda mágoas minhas. Você sempre foi assim, e não te culpo. Eu estarei indo á fortaleza agora nesse final de semana que vem, agora voltarei para morar. Peço que venha me ver.

Da sua mãe, Marta.

22/03/1988

Centro - Vila Romeno número 42.

Fortaleza - CE''

Tici fica olhando para a carta, tentando entender melhor, quando o telefone da casa toca. Ninguém atende. Tici guarda a carta no bolso, levanta e sai do quarto.

19. INT / SALA DE TICI / LUCAS / NOITE

Tici tira o telefone do gancho

TICI

Alô?

LUCAS

Achei que não ia atender.

TICI

Ah, oi Lucas.

LUCAS

Meu pai não volta hoje, tua mãe não deixa tu vir dormir aqui não?

TICI

Que horas são?

Lucas olha no seu relógio na parede.

LUCAS

Dez horas...

TICI

Eu vou ver como as coisas tão aqui.
Acho que minha mãe já tá dormindo.

LUCAS

Ah.

Os dois ficam em silêncio, com o telefone no ouvido. Tici olha para o corredor vazio e para as garrafas na sala.

TICI

Tá, eu vou.

Lucas sorri.

LUCAS

Pois vem logo.

Os dois desligam o telefone.

20. INT / CASA DE TICI / NOITE

Tici abre devagar a porta do quarto de Helena, que faz um barulho. Helena se meche na cama, mas continua dormindo. Ela fecha a porta devagar e escuta a porta da frente se abrindo. Ela corre e se esconde no corredor.

Tici vê uma sombra indo em direção a cozinha. Ela respira fundo e corre em direção a porta da sala. Tici esbarra em uma cadeira, fazendo barulho. Ela paralisa por um segundo e escuta um barulho de porta abrir e em seguida fechar. Tici sai de casa rapidamente.

21. INT / CASA DE LUCAS / NOITE

Lucas e Tici estão sentados na sala, de frente para a televisão. Eles jogam Mario World.

TICI

Morri.

Tici deixa o controle pro lado e rói as unhas. Lucas segura o controle. Ele transfere duas de suas vidas para Tici e olha para ela.

TICI

Não quero mais.

LUCAS

Mas agora ia ser a melhor fase!

Tici suspira e continua olhando para baixo. Lucas olha Tici de lado e dá play no jogo. Lucas morre em pouco tempo e dá Game over no jogo. Ele coloca o controle de lado e olha para Tici.

LUCAS

O que foi?

Tici não responde. O despertador toca no relógio ao lado da TV e Lucas levanta rápido, pega o controle da TV e coloca no SBT. Lucas senta ao lado de Tici, que permanece calada e agora mexe no seu bolso. Lucas olha para ela novamente.

LUCAS

O que aconteceu?

Tici pega a carta no seu bolso, a segura e abre lentamente. Lucas vai para mais perto de Tici e ela entrega a carta na mão de Lucas. Lucas fica chocado.

LUCAS

Mas tua avó não tinha morrido?

TICI

Pois é, eu também pensava que isso tinha acontecido quando ela morava em São Paulo.

LUCAS

Meu Deus! Mas essa carta não foi de antes?

TICI

Não... Porque minha mãe sempre falou que aconteceu antes de eu nascer.

Tici permanece olhando para Lucas, que entrega a carta na mão de Tici. Ela pega, olha novamente, a dobra e guarda dentro do seu bolso. Os dois se encaram. O programa começa, Lucas aumenta o som da televisão e pega seu caderno em cima da mesa. Os dois assistem. Lucas permanece pensativo durante o programa. O intervalo comercial começa.

TICI

Eu quero ir atrás dela.

LUCAS

Que?

TICI

Sim.

Lucas ri, Tici permanece séria, Lucas para de rir.

LUCAS

E é de quando essa carta?

TICI

Sei lá.

LUCAS

Pode ser que seja mais antiga, de quando ela ainda tava viva.

TICI

Não é! Eu acabei de falar.

Tici abre a carta e mostra a data no fim dela. Lucas olha. O programa volta. O microondas apita, Lucas levanta correndo e sai da sala. Tici aumenta o volume da televisão e Lucas volta com um saco de pipoca de microondas. Os dois comem juntos.

SILVIO SANTOS (O.S)

Lombardi?

LOMBDARDI (O.S)

Alô Silvio.

SILVIO SANTOS (O.S)

Quais serão os participantes de amanhã Lombardi?

Lucas se inclina para frente.

LOMBDARDI (O.S)

Maria Inês da Costa, de São Paulo.

TICI

E se...

LUCAS

Shhh!

LOMBDARDI (O.S)

Rafael de Sousa, do Rio de Janeiro.

LOMBDARDI (O.S)

Romero Oliveira de Santos, de Fortaleza.

Lucas fica paralisado. Continuamos ouvindo o som da televisão, Tici levanta.

TICI

Que?

Lucas ainda está paralisado, ele segura o pacote de pipoca e se levanta de boca aberta.

TICI

O que foi?!

Lucas joga o pacote de pipoca pro lado e pula em cima do sofá.

LUCAS

Não tô acreditando não tô acreditando.

TICI

No que?!

O programa acaba. Lucas para de pular, ele está ofegante.

LUCAS

Tu lembra que eu te falei que eu ia inscrever meu pai?

TICI

Mentira que tu fez isso.

LUCAS

Fiz. E ele acabou de ser sorteado.

Tici fica boquiaberta e sorri. Ela sobe em cima do sofá e abraça Lucas. Os dois pulam no sofá.

TICI

O Júnior nunca que vai acreditar nisso.

Lucas ri e sai da sala, Tici corre atrás dele.

22. INT / QUARTO DO PAI DE LUCAS / NOITE

Lucas está em um quarto arrumado e espaçoso. Há uma cama de casal, um guarda-roupa e nele há uma camisa social pendurada em um cabide. Na cômoda do lado, há um porta retrato com uma fotografia de um homem, uma mulher e um bebê no colo. Lucas tira o telefone do gancho e com a respiração cansada, disca rapidamente. Tici senta ao lado na cama. Lucas sorri enquanto espera, com a respiração cansada.

LUCAS
Alô, pai?

ROMERO
Lucas?

LUCAS
Pai o senhor não acredita.

ROMERO
Lucas são onze da noite, vai dormir

LUCAS
Mas pera, é sério. Tu não vai acreditar.

ROMERO
Lucas amanhã a gente conversa tá, tô ocupado.

LUCAS
(mais alto)
Pai a gente vai pra São Paulo!

ROMERO
É o que menino? Deixa de coisa. Vai dormir vai, já passou da hora.

Lucas olha para Tici, Sorri, agora um sorriso forçado.

LUCAS
Mas...

Lucas fica calado enquanto olha para Tici ainda com o telefone no ouvido.

LUCAS
Já. Aham.

Um pouco depois ele desliga o telefone. Tici se aproxima mais de Lucas.

Lucas senta na cama do quarto do pai. Tici tira a carta do bolso e a guarda novamente. Ela se senta ao seu lado. Lucas permanece calado.

LUCAS
Ele nem quis ouvir.

Tici permanece sentada então se levanta e vai até o telefone.

LUCAS
Vai fazer o que?

Tici disca alguns números e coloca no viva voz.

TICI
O Júnior precisa saber disso.

Lucas e Tici sorriem um para o outro.

23. INT / QUARTO DE HELENA / NOITE

Tici abre a porta devagar, Helena está deitada de lado. Tici entra devagar no quarto e se deita ao seu lado, a abraçando levemente por trás. Helena se meche e vira de frente para Tici. As duas ficam um tempo em silêncio, no escuro, deitadas de frente olhando uma para a outra. Helena tira o olhar de Tici e deita olhando para o teto.

Tici olha para baixo. E deita de costas para Helena. Helena a abraça por trás e as duas ficam deitadas abraçadas.

TICI
Mãe?

HELENA
Hm?

TICI
A senhora tinha quantos anos quando a vovó morreu?

HELENA
A gente já conversou sobre isso...

TICI
Mas...

HELENA
Tici, eu tô cansada... Vamo dormir tá?

Tici suspira. Helena meche no cabelo de Tici. As duas permanecem em silêncio.

24. INT / QUARTO DE HELENA / NOITE

Tici abre os olhos, o relógio ao lado da cama marca 1 hora da manhã. Ela sai da cama devagar, tentando não fazer barulho. Helena ao seu lado se meche e vira para o outro lado. Tici se abaixa e olha debaixo da cama, achando a caixinha escondida aonde ela tinha visto antes. Ela pega a caixinha e sai

silenciosamente do quarto.

25. EXT / PRAÇA / DIA

A rua está movimentada. Lucas e Tici estão sentados em um banco. Crianças mais novas brincam no parquinho. Júnior chega pedalando na sua bicicleta. Deixa a bicicleta apoiada perto do banco e corre até Lucas, o abraçando. Lucas fica parado sem entender.

JÚNIOR

Quando vocês vão? Eu quero ir também!

LUCAS

Pra onde?

JÚNIOR

Pro show do milhão ué.

LUCAS

Como tu sabe?

JÚNIOR

Eu vi escondido ontem. É teu pau né?

LUCAS

É, mas, primeiro, meu pai não vai. E segundo...

JÚNIOR

Que? Mas é a maior chance!

TICI

(rindo)

Ué mas não era lavagem de dinheiro?

JÚNIOR

Engraçadinha.

LUCAS

E segundo, tu nem iria.

Lucas se senta no banco da praça. Júnior e Tici o acompanham.

JÚNIOR

Ah não, mas vocês têm que ir.

LUCAS

(cabisbaixo)

Não vai dar.

JÚNIOR

Eu peço pra minha mãe ligar pro teu pai, ele vai ter que entender.

LUCAS

Não é assim.

Tici fica em pé ao lado dos dois, ela olha para o parque, cheio de crianças.

TICI

Eu vou fugir.

LUCAS/JÚNIOR

Que?

TICI

Sim. Essa noite.

LUCAS

Da onde tu tirou isso?

TICI

É sério.

JÚNIOR

Pra onde?

Tici tira a carta do bolso e a abre. Os dois chegam por trás dela e olham a carta.

LUCAS

É aquela de ontem?

TICI

Eu achei várias outras. Tem dezenas.

JÚNIOR

O que é isso?

TICI

São da minha avó.

LUCAS

Ela tá viva.

TICI

E aqui diz que ela mora no centro.

JÚNIOR

Como assim?

TICI
Eu sei que é loucura mas...

LUCAS
Eu vou contigo.

TICI
Sério?

LUCAS
Sim.

Os dois se olham sérios.

JÚNIOR
Vocês só podem tá malucos. O que que tá acontecendo?

TICI
Tu vem também?

JÚNIOR
Pra São Paulo?

TICI
É, quer dizer. Não, ela tá morando em Fortaleza. Pelo menos é o que diz na carta. E ela morava em São Paulo. Ela pode ajudar a gente a chegar lá também!

Júnior olha para os dois, sério. Os três permanecem sérios. Tici olha para Júnior.

TICI
Tu vem?

26. EXT / RUA DO LADO / NOITE

Tici está em frente ao mercadinho, com seu skate na mão. Ela olha para os lados, a rua está completamente vazia e silenciosa. Ela começa a ouvir uns passos, que vão se intensificando, até que Lucas aparece correndo com uma mochila nas costas, ofegante. Tici e Lucas se cumprimentam com um aperto de mãos.

27. EXT / RUA DO LADO / NOITE

Lucas está sentado na calçada e Tici em pé no meio da rua, indo e voltando, impaciente.

LUCAS

Ele não vem.

TICI

Vem sim.

Tici e Lucas estão sentados na calçada. Tici chuta devagar uma latinha de refrigerante que está jogada no meio da rua. Lucas levanta.

TICI

Bora. Ele não vem.

Tici suspira e olha para o fim da rua. Os dois começam a andar na direção oposta, Tici em seu skate e Lucas a pé. Os dois se viram e veem Júnior se aproximar, vindo do fim da rua, pedalando sua bicicleta a toda velocidade. Tici e Lucas sorriem.

JÚNIOR

Gente! Espera!

Tici olha para Lucas.

TICI

Eu falei.

Júnior chega até eles, fazendo barulho ao frear a bicicleta bruscamente.

28. EXT / MESSEJANA / NOITE

Em uma avenida mais larga Tici anda á frente. O vento bate forte nos seus cabelos e ela parece confiante. Júnior pedala na bicicleta cada vez mais rápido. Lucas está na garupa com um sorriso no rosto.

LUCAS

Vai, vai.

Júnior chega ao lado de Tici, que anda veloz no skate, até que Júnior e Lucas a ultrapassam. Ela pega mais velocidade e ultrapassa os meninos.

JÚNIOR

Ah, com o peso de dois não vale né.

Tici olha para trás, ri, olha novamente para frente e continua andando. Júnior continua pedalando tentando alcançar Tici até que ele começa a ouvir um chiado que vem dos fios dos postes.

JÚNIOR
Vocês ouviram isso?

Tici continua andando. Lucas olha para os fios.

TICI
Não, o que?

LUCAS
Ouvi.

Uma luz do poste pisca e ele para de repente.

JÚNIOR
Gente!

Tici para mais a frente. Júnior volta a pedalar rapidamente. Ele ultrapassa Tici.

TICI
Sério? Peraí que tu vai ver.

Tici começa a pegar velocidade. O skate de Tici e a bicicleta de Júnior estão praticamente no mesmo ponto, quando as luzes dos postes da rua começam a piscar novamente. De repente, a rua fica totalmente escura. às escuras. Ouve-se o barulho como que alguém que cai no chão.

TICI
Ai!

Júnior Tosse. Ouve-se um barulho do zíper da mochila sendo aberto e uma lanterna é acesa. Lucas segura a lanterna e a aponta para Tici, que está no chão com o joelho ralado. Júnior inala uma dose da sua bombinha de asma e em seguida ele e Lucas saem da bicicleta. Eles vão até Tici, que se levanta do chão.

LUCAS
Tá tudo bem?

TICI
E vocês?

Os dois afirmam com a cabeça. Tici pega uma garrafa em sua mochila e coloca um pouco de água no machucado. Júnior vira para o outro lado para não ver. Lucas aponta a lanterna para o fim da rua, que está vazia, a não ser pelos matos que crescem nos terrenos vizinhos. Tici fecha a garrafa e a guarda na mochila. Lucas aponta novamente a lanterna para o final da rua, Tici e Júnior observam. Júnior olha para o

final da rua, com medo.

JÚNIOR

E agora?

LUCAS

Alguém trouxe outra lanterna?

Tici e Júnior balançam a cabeça negativamente. Os três em pé olham para a parte iluminada no final da rua.

TICI

Eu guio.

Tici vai até Lucas e pede a lanterna. Lucas entrega o objeto para ela, que apanha com dificuldade o skate jogado no chão. Lucas se apressa e pega a bicicleta.

LUCAS

Eu pedalo agora.

29. EXT / MESSEJANA / NOITE

Os três andam em uma rua mais estreita. A bicicleta de Júnior está bem próxima de Tici.

JÚNIOR

Não dá pra aumentar a luz?

Tici aperta uns botões da lanterna, ela pisca e continua na mesma intensidade.

TICI

Não.

Júnior espreme os olhos, tentando enxergar melhor.

JÚNIOR

Não tô vendo nada.

Tici aponta a lanterna para frente, os três ficam mais perto um do outro e continuam andando mais devagar. De repente, eles ouvem um barulho como se alguém se aproximasse deles por trás. Eles olham para trás mas não vêem nada. Lucas imediatamente freia a bicicleta e em seguida Tici faz o mesmo.

JÚNIOR

Vocês também ouviram isso?

O barulho vai aumentando, até que Tici vira a lanterna para

trás e vê que um homem (65), de barba e com roupas estranhas segurando um saco nas costas, se aproxima. A lanterna falha e volta a funcionar segundos depois. O homem não está mais lá e o barulho aumenta cada vez mais.

TICI

Gente corre!

Eles voltam a pedalar na mesma hora, agora pegando o máximo de velocidade. Os três permanecem indo para frente e olham para trás. O homem está cada vez mais perto. Júnior na garupa se mantêm olhando para trás.

JÚNIOR

Vai mais rápido Lucas!

Tici e Lucas aumentam a velocidade, sem ver muito bem o que tem na frente. A mochila nas costas de Lucas quase cai, ele a puxa para mais perto dele, quando algo de dentro da mochila cai no chão. Ele olha para baixo e a bicicleta desliza no asfalto.

JÚNIOR

Cuidado!

Lucas perde um pouco de velocidade.

JÚNIOR

(gritando)

Vai!

Lucas olha para trás e vê que o homem está bem próximo deles. Eles continuam pedalando rapidamente. Júnior se segura com força na bicicleta e Tici vai á frente no seu skate.

30. EXT / MESSEJANA / NOITE

Eles entram em uma outra rua. Tici e os meninos param bruscamente. Lucas pega sua mochila preocupado e a abre, tira um caderno de dentro e suspira aliviado. Eles olham para o pneu da bicicleta. Lucas fecha o zíper da mochila e a coloca nas suas costas. Ele desce da bicicleta e aperta o pneu dela, que está vazio.

LUCAS

Droga...

JÚNIOR

Que foi?

Júnior se abaixa aperta o pneu da bicicleta e olha para

Lucas.

JÚNIOR
Eu sabia que não deveria te deixar
dirigir ela.

Lucas olha para baixo.

LUCAS
Desculpa.

Júnior pega no pneu novamente. Ele olha triste para o chão.
Tici vai para perto e pega no pneu.

LUCAS
Deixa eu ver.

O pneu está totalmente vazio.

TICI
Vixi.

Júnior olha para Lucas agora com mais raiva.

JÚNIOR
Isso é tudo culpa tua.

LUCAS
Ah se fosse tu não aconteceria né?

A luz de uma das casas ali perto se acende, e uma mulher aparece na janela. Tici e Lucas arrastam a bicicleta para um canto mais distante da casa, Júnior senta na calçada e coloca as mãos no rosto.

JÚNIOR
Meus pais vão me matar.

TICI
E se a gente tentasse encher num
posto?

JÚNIOR
E onde que vai ter posto por aqui?

TICI
Claro que tem.

JÚNIOR
Mas e o furo?

TICI

Ai é, acho que não tem jeito.

LUCAS

Foi mal.

Júnior permanece sentado com as mãos na cabeça. Lucas e Tici se sentam ao seu lado. Lucas cutuca o chão com um pedaço de vareta. Um pouco depois Júnior levanta a bicicleta do chão e começa a levá-la em direção a um terreno baldio.

LUCAS

Vai fazer o que?

Júnior continua andando, agora adentrando o terreno. Tici e Lucas correm atrás dele. Júnior vai até o fim do terreno, Lucas e Tici andam ao seu lado. Júnior apoia a bicicleta no muro do fundo do terreno.

LUCAS

A gente volta pra pegar ela e consertar.

JÚNIOR

Aham.

Júnior olha para a bicicleta. Lucas estende a mão para Júnior. Júnior, que o olha sem reação. Lucas permanece com a mão estendida para Júnior que fica olhando para o lado, em seguida estende a mão para Lucas. Júnior finalmente olha para ele, ainda sério.

JÚNIOR

A gente vai consertar depois né?

LUCAS

Juro.

Em seguida Lucas e Júnior sorriem.

31. EXT / MESSEJANA / NOITE

Em uma outra rua Tici anda devagar em cima do seu skate. Júnior e Lucas andam ao seu lado. As luzes dos postes começam a piscar, os três param. A iluminação volta. Tici desliga a lanterna e a dá para Júnior, ela olha para os lados e para. Em seguida abre sua mochila e pega seu mapa. Lucas e Júnior chegam mais próximos para ver também. Os três olham para um mapa mal desenhado em uma folha de caderno.

LUCAS

Eu acho que a gente tá aqui.

TICI

Não, mas aqui a gente já passou.

Lucas coça a cabeça.

JÚNIOR

Longe a gente não deve tá né.

Lucas fica olhando o mapa na mão de Tici sem entender nada. Tici olha para trás.

TICI

A gente veio dessa rua, certo?

Os dois confirmam. Tici continua olhando o mapa.

JÚNIOR

A gente tá perdido?

Lucas suspira. Abre sua mochila e tira um mapa de verdade de dentro dela. Tici sorri.

TICI

Esse tempo todo! Tu deveria ter dito né.

Os três abrem o mapa no chão e o percorrem com os dedos.

32. EXT / MESSEJANA / NOITE

Em uma avenida mais larga, Tici caminha segurando seu skate. Lucas e Júnior vêm atrás, pulando e tentando não pisar nas rachaduras do asfalto.

JÚNIOR

Tu pisou eu vi.

LUCAS

Não pisei não.

JÚNIOR

Pisou sim.

TICI

Sh! Vocês ouviram?

Lucas e Júnior continuam andando e desviando das rachaduras.

LUCAS

Não, o que?

Tici para e os dois fazem o mesmo. Tici vai para mais perto dos matos do lado deles. Os três ficam em silêncio e escutam um barulho que lembra um choro.

TICI

Me dá a lanterna.

Lucas abre a mochila para tirar a lanterna.

JÚNIOR

Não, vamo voltar.

O barulho continua, agora mais forte. Tici pega a lanterna e aponta para dentro do mato. Júnior fica de costas de braços cruzados, enquanto Tici e Lucas tentam enxergar algo lá dentro. Entre eles e o mato há uma cerca, Tici se abaixa para tentar passar por ela.

JÚNIOR

Ah eu não vou não.

TICI

E se for alguém seguindo a gente?

LUCAS

Não vai fazer muita diferença também se a gente souber.

TICI

Pra mim faz.

JÚNIOR

E se for aquele velho do saco?

Os três se olham. Tici se vira e entra. Lucas olha para Tici, em seguida para Júnior e passa por baixo da cerca.

LUCAS

Fica vigiando.

JÚNIOR

Vocês são malucos.

33. EXT / MATOS / NOITE

Tici e Lucas adentram o mato. É um terreno cheio de árvores de porte médio. Tici enfia o pé em uma poça de lama e o retira rapidamente. Lucas pega a lanterna e aponta para

várias direções dentro do mato. Eles ficam parados, ouvindo.

TICI

Parou?

LUCAS

Não, escuta.

O barulho volta. Um barulho diferente aumenta, Lucas direciona a lanterna para a direção de onde eles vieram e eles vêem a silhueta de uma pessoa correndo. Lucas começa a correr e Tici também.

JÚNIOR

Sou eu!

Tici para, num susto. Júnior chega correndo afoito segurando sua mochila e o skate de Tici. Tici olha para Júnior sorrindo.

TICI

Que susto!

JÚNIOR

Nera tu que tava toda corajosa?

TICI

Tu aparece do nada.

Júnior olha para uns cantos da mata. Silêncio total.

TICI

Pensei que tu tivesse com medo.

JÚNIOR

Dá mais medo ficar sozinho.

Os três ficam em silêncio. Eles voltam a ouvir o barulho de choro.

JÚNIOR

Mas.

LUCAS

Pera.

Eles começam a seguir o barulho, que fica cada vez mais alto. Eles caminham, até que Lucas aponta a lanterna e os três vêem um cachorro vira lata com vários filhotinhos. Os filhotinhos se mexem e fazem barulho nas folhas.

LUCAS

Awn.

Tici sorri e se aproxima.

TICI

Eram só filhotinhos.

A cadela começa a latir. Tici se afasta um pouco, pega sua mochila com Júnior, abre e tira de dentro um pacote de biscoito. Ela coloca no chão perto da cadela.

JÚNIOR

Cachorro não come biscoito.

TICI

Claro que come.

Eles ficam esperando. A cadela vem devagar, come o biscoito e lambe a mão de Tici. Lucas e Júnior se aproximam mais. Os três caminham de volta e vêem o sol nascendo.

34. EXT / RUA / DIA

Os três andam por uma rua mais larga e mais movimentada. Começam a passar alguns carros e motos.

JÚNIOR

Tô com fome.

TICI

Eu também.

Lucas pega sua garrafa na bolsa, e vê que tem apenas metade da água

LUCAS

O que vocês trouxeram?

Tici abre a mochila e tira dela um pacote de salgadinho, uma garrafa de água pela metade, o mapa feito por ela, a caixinha com as cartas da avó e um canivete. Júnior abaixa e pega o canivete. Tici estende a mão e Júnior o dá de volta.

JÚNIOR

Sério?

TICI

Nunca se sabe né?

Lucas começa a tirar da mochila sua garrafa pela metade, o

mapa, dois sucos de caixinha, três sanduíches e seu caderno. Tici e Júnior pegam um sanduíche e comem. Lucas guarda tudo dentro da mochila e come um sanduíche.

Júnior coloca sua garrafa vazia no chão e começa a tirar da mochila um pacote de bombons. Lucas e Tici pegam alguns, rindo. Júnior tira um pacote de biscoito e uma toalha de dentro da mochila.

LUCAS

Uma toalha?

JÚNIOR

Sempre é bom ter uma toalha.

Tici e Lucas riem.

TICI

Talvez se a gente tivesse água né.

Tici e Lucas guardam a água e as coisas dentro da mochila e continuam a andar. O clima está quente e Lucas e Tici bebem um pouco mais da água, deixando apenas um pouco. Os três caminham por uma rua, agora bastante movimentada. Júnior estende a mão com bombons para os dois.

JÚNIOR

Quer?

Tici e Lucas recusam.

TICI

Eu só queria água.

LUCAS

Eu também.

TICI

A gente vai ter que arrumar um jeito de conseguir mais.

JÚNIOR

Eu tô quase morrendo com a garganta seca.

LUCAS

E ainda fica comendo os bombons.

JÚNIOR

Tu parece meu pai.

Lucas anda a frente, para e olha para o céu. Os três estão suados e cansados. Lucas pega o mapa na mochila e o abre contra um muro. Júnior se senta no chão e respira fundo. Lucas guarda o mapa na mochila. Um ônibus passa, Tici olha e em seguida olha para Júnior.

TICI

Eu acho que minha mãe pegava um ônibus por aqui.

JÚNIOR

E o que que tem?

LUCAS

Também não entendi.

Tici tira a carta do seu bolso e vê o endereço. Em seguida outro ônibus passa. Tici segura a carta na mão e dá sinal para o ônibus.

LUCAS

Que?

Tici pega sua mochila no chão. Lucas olha sem entender para Júnior. Júnior se levanta rapidamente.

TICI

Vamo.

JÚNIOR

Mas a gente não ia andando?

Tici está perto do ônibus, ela olha para trás, na porta. Algumas pessoas sobem no ônibus. Lucas e Júnior pegam suas coisas e saem correndo atrás. Os três entram dentro do veículo.

35. INT / ÔNIBUS / DIA

Júnior e Lucas estão sentados no fundo do ônibus, antes da catraca, um ao lado do outro. Tici está em outra cadeira atrás, ao lado de uma mulher.

LUCAS

Não, mas eu tenho certeza que vai ser bem mais rápido.

JÚNIOR

Mas tu falou que não sabe nem onde a gente desce.

LUCAS

Tici sabe.

Os dois olham para Tici, que está olhando pela janela. Dois homens pagam a passagem e passam da catraca. Júnior e Lucas olham um para o outro. A mulher ao lado de Tici fica olhando os dois, desconfiada, e em seguida olha para Tici. Tici continua olhando pela janela, agora com a mão para fora, sentindo o vento. Lucas e Júnior contam algumas moedas.

LUCAS

Não tem tudo.

Júnior fica de joelhos no banco e se vira para Tici.

JÚNIOR

Tici.

Tici se vira. Júnior olha para as pessoas pagando passagem, e em seguida olha para Tici novamente.

TICI

Eita.

Tici abre sua mochila, procura dinheiro, e dá três moedas para Júnior. Júnior se vira e ouvimos barulho de moedas.

LUCAS

(sussurrando)

Ainda assim não dá.

A mulher continua encarando Tici, que a encara de volta. O ônibus para e os passageiros começam a descer, inclusive a mulher que está ao lado de Tici. Os três olham um para o outro. Outra mulher passa ao lado deles.

TICI

Moça, esse ônibus vai pra onde?

MOÇA

É o fim da linha, aqui, na Sabiaguaba.

TICI

E ele não vai pra outro canto?

A mulher nega com a cabeça, já saindo do ônibus.

O motorista começa a se levantar. Tici então levanta da cadeira, olha para o trocador que conta o dinheiro do ônibus e escreve num papel. Rapidamente Tici passa por baixo da catraca, Lucas e Júnior a seguem. Os três saem correndo pelo

corredor do ônibus.

COBRADOR

Ei!

O cobrador levanta e as moedas caem no chão. Os três correm rápido pra fora do ônibus.

36. EXT / SABIAGUABA / DIA

Os três correm por uma estrada e a medida que eles correm, o asfalto vai dando lugar a um chão de areia. Eles continuam correndo e quando viram pro lado dão de cara com o encontro do rio com o mar. A praia está praticamente vazia, fora uns três grupos de pessoas distantes. Os três param de frente a água.

TICI

Ah não.

Tici olha pra Júnior, que já está tirando a camisa e corre em direção á água. Lucas tira a blusa, joga no chão e corre atrás de Júnior. Os dois entram na água. Tici permanece no mesmo local, olhando para os dois, sem acreditar.

JÚNIOR

Vem Tici!

Tici olha para o chão, tira seu sapato e se senta na areia. Ela observa os dois, que brincam dentro da água. Tici levanta, vai até a beira da água, coloca os pés e fica os sentindo afundar. Ela volta para a areia, para por alguns segundos e tira sua blusa, ficando apenas de sutiã de pano. Vemos alguns machucados espalhados pelo tronco de Tici. Ela volta e entra na água devagar. Júnior joga água em Tici, rindo, ela ri e joga de volta. Os três brincam na água.

37. EXT / SABIAGUABA / DIA

Os três flutuam na água. Lucas começa a nadar para fora. Tici e Júnior nadam para mais perto da areia, seguindo Lucas. Lucas sai e se senta na areia, em seguida Tici e Júnior sentam ao seu lado. Júnior pega sua mochila e tira a toalha de dentro dela. Ele começa a se enxugar na frente dos dois.

LUCAS

Tu vai emprestar né?

JÚNIOR

Claro que não.

TICI

Ah vai sim.

Lucas levanta. Júnior começa a correr, rindo. Lucas e Tici correm atrás de Júnior. Tici alcança Júnior, os três caem no chão rindo.

38. EXT / SABIAGUABA / DIA

Os três estão sentados de frente para o rio. A toalha cobre as costas dos três. Tici termina de beber um gole da água e dá a garrafa para Júnior. Ele toma mais um gole, e Júnior dá a garrafa para Lucas que termina com o resto da água.

LUCAS

(...)Mas eu nunca vi ninguém da nossa idade participando do programa.

JÚNIOR

É, vendo assim, nem eu.

TICI

A gente dá um jeito.

Tici olha sua bolsa meio aberta e vê a caixinha de madeira de Helena. Ela coloca a mão no rosto tapando a luz intensa do sol contra os seus olhos e olha para o céu.

Duas jovens mulheres (26) estão sentadas sobre uma canga um pouco à frente dos três. Tici observa as duas. As mulheres levantam. Uma segura a chave de um carro. Tici fica de pé.

JÚNIOR

E aí tu conseguia um autógrafo pra mim.

LUCAS

Vou pegar um bocado.

Tici continua observando as mulheres, que começam a andar.

TICI

Pera. Volto já.

Tici corre até as duas mulheres. Lucas e Júnior se olham.

LUCAS

Não tenho nem ideia

JÚNIOR

Espero que ela vá pedir água.

LUCAS

Eu também.

Lucas e Júnior observam de longe. Tici conversa com as duas mulheres. Lucas e Júnior ficam olhando para elas de longe. Uma das mulheres olha para eles, que disfarçam olhando para os lados.

LUCAS

A mulher falou ''Claro''.

JÚNIOR

E como tu sabe?

LUCAS

Leitura labial né.

JÚNIOR

Ah tá.

LUCAS

Juro, e...

Tici corre até eles, os dois se calam.

TICI

Vamo.

LUCAS

Pra onde?

TICI

Consegui carona pra gente.

LUCAS

Com essas estranhas? Tá querendo morrer é?

JÚNIOR

Eu prefiro ir a pé até o Japão do que pegar carona assim. Foi assim que o Carlos sumiu.

Tici olha séria para os dois e cruza os braços.

TICI

Vocês tem outro plano?

JÚNIOR

Ir a pé?

39. INT / CARRO / DIA

CARLA (27) está ao volante com óculos escuros. Ela fuma um cigarro e bate os dedos no ritmo de uma música que toca no rádio. SUSANA (26) ao seu lado canta junto com a música.

Vemos Tici, Júnior e Lucas sentados atrás, travados. O carro é pequeno e está bagunçado. Nos pés dos meninos estão as mochilas deles.

Susana no banco do carona abre o porta-luvas, tira um pirulito de dentro e oferece para Tici. Ela recusa. Em seguida a moça oferece para Lucas e Júnior, ambos recusam. Susana olha por baixo do óculos para os três, vira para frente, abre o pirulito e o chupa. Carla olha para os três pelo retrovisor.

SUSANA

A gente nem perguntou o nome de vocês né?

CARLA

Verdade.

Carla olha pelo retrovisor.

TICI

Eu sou a Letícia, esse é o Lucas e esse é o Júnior.

CARLA

Prazer meninos, eu me chamo Carla e essa é a Susana. Hm, Então vocês são irmãos?

TICI

Uhum.

CARLA

Pouca diferença de idade né?

Os três ficam calados, se olham e olham para a estrada.

TICI

É. E o Lucas é adotado.

Lucas segura o riso e olha para a janela. A mulher no volante passa o cigarro para a que está ao seu lado.

CARLA

Sei.

As duas fumam e cantam a música que toca no rádio.

JÚNIOR
(sussurrando)
Eu falei que não era pra gente ter
pegado carona.

40. INT / CARRO / DIA

O carro vai diminuindo a velocidade, Carla tenta acelerar, mas o carro estanca e para. Ela desce do carro, e a outra desce em seguida.

JÚNIOR
(sussurrando)
Eu falei.

TICI
(sussurrando)
A gente já entendeu.

LUCAS
(sussurrando)
Eu só quero sair vivo.

Carla volta ao carro. Os três estão calados. Ela pega a chave do carro e sai. Júnior suspira aliviado. Clara abre o porta malas. As duas mulheres se distanciam e discutem aos sussurros. Tici fica de joelhos no banco, tentando ver pelo vidro traseiro. Ela não consegue por conta do porta malas aberto.

JÚNIOR
E aí?

TICI
Não dá pra ver né.

JÚNIOR
E se elas tiverem planejando como vão
dar fim na gente?

LUCAS
Pra que elas iam querer dar fim na
gente?

JÚNIOR
Roubar nossos órgãos.

TICI
Nossos órgãos?

JÚNIOR

Sim, vocês sabem quanto é um rim?

Os três se olham, Lucas e Tici negam com a cabeça e encaram Júnior.

LUCAS

Quanto?

Silêncio.

JÚNIOR

Não sei, mas eu vi no Jornal que é muito.

Susana vem na direção do carro Tici pega sua mochila, abre, tira o canivete de dentro e segura. Susana chega até a janela do carro, abre a porta do motorista e abaixa o banco. Tici esconde o canivete na mão.

SUSANA

Cheguem aqui fora...

LUCAS

A gente?

SUSANA

Sim.

JÚNIOR

Nós três?

SUSANA

Aham.

41. EXT / ESTRADA / DIA

Lucas, Júnior e Tici empurram o carro junto com Susana. Enquanto Carla fica tentando dar partida no carro. Eles fazem força para empurrar. O carro permanece estagnado. Depois de um tempo o carro começa a andar e eles correm entram no carro que já está em movimento. As duas mulheres riem nos bancos da frente.

SUSANA

Tá vendo? Nem precisava disso.

CARLA

Tá, tá.

A mulher no volante olha para a estrada e sorri. Tici

permanece com seu canivete na mão.

42. INT / CARRO / DIA

Eles passam por ruas movimentadas, o carro está silencioso. Lucas tira o seu mapa escondido de dentro da mochila. Carla olha para frente, enquanto Susana olha pela sua janela.

TICI

(sussurrando)

Acho que a gente tá perto.

JÚNIOR

(sussurrando)

Não acho não.

LUCAS

(sussurrando enquanto aponta para
o mapa)

É sim olha aqui.

A mulher na janela se vira e eles se assustam.

SUSANA

O que é isso?

TICI

Estudando geografia.

SUSANA

(olhando e rindo para Carla)

Muito aplicados né? Estudando nas
férias.

Os três sorriem forçado para a moça.

CARLA

É perigoso pegar carona com
estranhos, vocês deram sorte.

Fica silêncio no carro. Carla corta o caminho por entre umas ruas desertas.

Tici e os dois meninos se olham, assustados.

SUSANA

Vocês tem certeza que não querem
bombom?

TICI/LUCAS/JÚNIOR
(ao mesmo tempo)

Sim.

MULHER 1
Outras pessoas seriam capazes de
fazerem coisas horríveis sabe?

SUSANA
Sim, igual aquele caso que passou no
jornal.

Os três se olham, agora mais assustados.

CARLA
Que venderam os órgãos pro exterior
né?

SUSANA
(rindo disfarçadamente)
Sim.

TICI
Moça muito obrigada, acho que a gente
já se achou.

LUCAS
(sussurando)
Que?

CARLA
Não era no centro?

SUSANA
Fica até melhor deixar eles aqui,
centro ficaria muito contra-mão.

CARLA
Mas deixar eles assim...

TICI
É porque nosso pai mora aqui.

Tici aponta rapidamente para uma casa que aparece. A moça pisa no freio.

43. EXT / BENFICA / DIA

Tici bate o seu sapato contra o chão, tirando a areia de dentro. Ela se calça e os três olham para o céu, o sol está alto e os três estão suados. Eles passam na frente de um

mercantil grande. Júnior para. Tici olha para trás.

TICI

Que foi?

Lucas olha o supermercado, olha para Júnior e em seguida para Tici. Tici nota o supermercado e sorri, devolvendo o olhar.

44. INT / SUPERMERCADO / DIA

Lucas está na entrada de um corredor. Ele olha o movimento de clientes e observa as pessoas que trabalham no supermercado. Enquanto Tici e Júnior estão no fim de uma fileira que está cheia de guloseimas.

Algumas pessoas passam entre eles , e, de repente, o corredor fica vazio. Júnior e Tici olham para Lucas, que acena de volta com a cabeça. Tici abre rapidamente a mochila e Júnior vai colocando biscoitos e doces dentro dela. Tici olha para Júnior e dá um tapa na mão dele, o repreendendo. Tici ri.

JÚNIOR

Eu vou me arrepender.

Lucas começa a bater na prateleira. Os dois não escutam. Um casal entra no corredor. Tici para fecha rapidamente a mochila. O casal não percebe nada. Tici começa a andar rapidamente em direção ao refrigerador. Júnior vem atrás.

JÚNIOR

(sussurrando)

Se pegarem a gente...

TICI

Sh!

Lucas chega por trás, os três olham o refrigerador cheio de garrafas de água, refrigerantes e sucos. Lucas abre e pega uma garrafa de água. Eles olham para os lados pois tem várias pessoas perto, inclusive um segurança do supermercado. Tici pega uma garrafa de suco com uma mão e puxa Júnior com a outra.

TICI

(falando alto)

Mãe? Já peguei.

45. EXT / BENFICA / DIA

Lucas, Tici e Júnior estão sentados na calçada de uma rua pouco movimentada. Eles riem enquanto comem um pacote de

biscoito. Lucas bebe o suco na boca da garrafa.

LUCAS

Tici se tremeu toda.

Tici ri.

LUCAS

Foi quase.

JÚNIOR

Quase.

Eles terminam de comer. Tici e Lucas bebem água. A rua está praticamente sem movimento. Júnior e Lucas deitam na calçada e suspiram. Tici deita em seguida e os três ficam olhando para o céu, descansando.

Um barulho de bicicleta vai se aproximando. Os três permanecem de olhos fechados. Um adolescente (16) de boné, bermuda e camiseta larga vem pedalando em uma bicicleta. Ele passa pelos três. O menino vê a mochila jogada no chão, olha para a rua e vê que não há movimento. Ele passa rápido em sua bicicleta e pega a mochila de Lucas, que estava no chão ao lado dele. Júnior se assusta com o barulho e abre o olho, percebendo quando o adolescente se afasta, levando a bolsa do amigo embora.

JÚNIOR

Gente! A mochila!

O adolescente rapidamente pedala com a mochila de Lucas nas costas. Lucas se levanta num pulo. Ele começa a correr atrás da bicicleta. Tici tenta correr atrás dele, mas o rapaz dobra na rua. Lucas desiste. Os três ficam parados, como que em choque: Lucas perto da esquina onde o jovem dobrou, Tici na metade do caminho e Júnior ainda na calçada. Tici corre até Lucas, que ignora a amiga e caminha de volta para onde estava sentado. Ele senta-se ao lado de Júnior e leva as mãos ao rosto.

JÚNIOR

(Forçando um sorriso)

Pelo menos eles não levaram as comidas.

LUCAS

(Ainda com a mão no rosto)

Não pode ser.

TICI
Calma... A gente ainda pode...

LUCAS
Nada, não pode nada.

Lucas está com os olhos cheio de lágrimas.

JÚNIOR
Nem era tão impor....

LUCAS
(Com voz de choro)
Que? Lá dentro tava o cupom do programa.

JÚNIOR
E precisa?

LUCAS
E meu caderno com meses de estudo do programa.

JÚNIOR
Isso não é nada demais.

LUCAS
Pra mim é!

TICI
Gente!

Lucas levanta e fica andando de um lado para o outro, sem acreditar. Ele senta novamente na calçada.

TICI
Mas olha...

LUCAS
Esquece Tici.

46. EXT / BENFICA / DIA

Lucas segura o telefone de um orelhão. Tici e Júnior estão ao lado dele. A rua está movimentada.

TICI
Não, Lucas.

LUCAS
Já me decidi.

Os três esperam silenciosos. O telefone chama, mas ninguém atende. Lucas disca novamente. Os três esperam. Lucas aguarda segurando o telefone.

LUCAS

Alô?

MOÇA

Alô, quem fala?

LUCAS

Oi, o Romero está?

MOÇA

Ah, tá sim. É o Lucas né? Só um momento meu filho.

LUCAS

Tá.

Lucas olha para os dois amigos, que o olham tensos.

TICI

Ainda dá tempo de desistir.

Lucas olha para Tici, triste.

JÚNIOR

A gente já chegou até aqui.

ROMERO

Alô filho?

LUCAS

Oi.

Fica um silêncio no telefone. Carros e motos passam na rua.

ROMERO

Onde você tá?

Lucas olha para os os lados, em seguida para baixo.

LUCAS

É...

ROMERO

Estranho esses barulhos. Enfim, eu tô chegando hoje de noite viu? Tô levando uns filmes pra gente ver, Tá?

Lucas fica em silêncio no telefone e o desliga bruscamente. Os seus olhos estão cheio de lágrimas, mas ele respira fundo e olha para os dois. Tici e Júnior permanecem olhando para ele meio que sem entender. Lucas vira e sai.

47. EXT / BENFICA / DIA

Lucas, Júnior e Tici caminham em uma rua aonde passam poucas pessoas. Lucas está a frente e Júnior e Tici estão um pouco mais atrás. Tici anda mais rápido, quase alcançando Lucas. Júnior em seguida vem correndo atrás. Eles permanecem em silêncio. Lucas caminha cabisbaixo. Tici olha para Lucas e em seguida desvia o olhar. Os três caminham, agora lado a lado.

LUCAS

Ele nem notou que eu não tava em casa.

Os três ficam em silêncio. Lucas para de andar. Tici e Júnior ficam ao seu lado. Tici vai para mais perto de Lucas e o abraça. Júnior vem por trás e abraça os dois.

TICI

A gente encontra minha avó e ela vai te ajudar a ir pro programa do Silvio.

LUCAS

Como se eu perdi o papel?

TICI

Sei lá, a gente dá um jeito.

Os três riem. Os três se soltam. Lucas sorri para os amigos.

48. INT / RESTAURANTE / DIA

Tici volta de um corredor, se senta em uma cadeira de uma mesa vazia na parte da frente do restaurante e assiste a um noticiário que está sendo exibido. É um restaurante aberto e simples, em algumas mesas famílias almoçam. No noticiário há uma repórter falando.

REPÓRTER

Duas crianças estão desaparecidas desde a manhã dessa...

A televisão falha e Tici não consegue ouvir o que é dito depois. Um homem sai do balcão e ajusta um pedaço de bombril na antena da televisão. A TV volta a funcionar. Agora é exibido uma reportagem sobre animais. Lucas e Júnior voltam

até a mesa. Tici levanta e puxa os dois pelo braço para fora do estabelecimento.

49. INT / CARRO ABANDONADO / DIA

Os três estão sentados no banco traseiro de um carro velho, sem portas que se encontra no fundo de um terreno abandonado.

TICI

A gente não vai ser pego.

JÚNIOR

Como tu sabe?

TICI

E mesmo que fosse, não vai acontecer nada.

JÚNIOR

(sussurrando)

Mas a gente roubou um supermercado.

Lucas olha para os dois, concordando.

TICI

É... mas acreditem em mim.

LUCAS

E tinha câmera lá.

TICI

Tu viu?

LUCAS

Sim.

JÚNIOR

Sério?

Os três ficam em silêncio, se ajoelham e olham através da janela quebrada do carro. Alguns carros passam pela rua próximo dali.

LUCAS

Mas.

TICI

O que?

LUCAS

Júnior disse o que agora a pouco?

Lucas olha sério para os dois.

JÚNIOR

Que a gente roubou o supermercado?

Lucas respira fundo.

LUCAS

Não, sobre a gente já ter chegado até aqui.

TICI

Sim...

Os três se olham. Lucas pega seu mapa dentro da mochila e coloca em cima do colo de Tici, que olha para o mapa e em seguida para os dois.

TICI

A gente tá mais perto que longe.

Tici sorri.

50. EXT / RUA / DIA

Os três andam por uma rua. Eles parecem mais cansados e suados. Júnior está mais atrás. Lucas e Tici andam mais rapidamente à frente. Júnior vai parando de andar.

JÚNIOR

Gente?

Tici e Lucas param de andar e olham para para Júnior, esperando.

JÚNIOR

Quero ir no banheiro.

TICI

De novo?

Júnior confirma com a cabeça. Lucas aponta para uma árvore. Júnior balança a cabeça negativamente.

JÚNIOR

Não dá!

TICI

Ah não Júnior, a gente não pode ir atrás de um banheiro agora. Faz aí mesmo!

JÚNIOR

Tu sabe que eu não consigo.

TICI

Mas tu é menino!

JÚNIOR

E o que é que tem?

LUCAS

A gente vira de costas. Não tem
ninguém por perto. Vai.

Lucas e Tici viram de costas. Júnior olha em volta e mexe as pernas apertado. Ele então caminha até a árvore, abre a calça e espera. parece cada vez mais nervoso. Júnior olha para trás checando se os amigos ainda estão de costas. Ele fecha novamente a calça e volta em direção aos amigos.

JÚNIOR

Não dá.

LUCAS

Ai meu Deus Júnior!

Os três caminham por uma rua, eles olham para os lados e vêem apenas casas.

51. EXT / RUA / DIA

Júnior bate duas vezes em uma porta de uma casa pequena e espera, agoniado. Tici bate novamente até que um homem alto e magro abre a porta e a deixa meio entre aberta.

RUBENS

A gente não tem doação de alimento
não.

O homem já vai fechar a porta quando Júnior coloca a mão.

JÚNIOR

Na verdade eu queria saber se podia
usar o banheiro.

RUBENS

O banheiro?

Júnior afirma com a cabeça, o homem abre mais a porta e consegue ver os outros dois juntos com Júnior. Ele observa os três e olha novamente para dentro de casa.

RUBENS

Tá certo.

O homem abre a porta e os três entram.

52. INT / CASA DO RUBENS / DIA

Júnior entra na casa seguindo o homem. Em seguida Tici e Lucas. Eles passam por um quintal bagunçado, cheio de cacarecos e entram na sala timidamente. A sala está bagunçada e tem uma televisão pequena ligada em um pequeno móvel de frente para um sofá. O homem acende um cigarro e aponta para o fim do corredor.

HOMEM

Ali.

Tici e Lucas ficam encostados na parede ainda no início da sala. Júnior olha para um corredor meio escuro e segue timidamente até lá.

53 INT / BANHEIRO / DIA

Júnior dá descarga no banheiro, se olha no espelho, abre a porta e sai. Ele percorre o corredor e sem querer entra em um quarto.

No quarto, o mesmo menino que roubou a mochila de Lucas, de boné vermelho, está deitado na cama, lendo uma revista. Ele se assusta com o barulho de Júnior entrando no quarto. Júnior vê a mochila de Lucas ao lado da cama, aberta.

Os dois se encaram por um momento e Júnior sai rapidamente, com medo.

54. INT/ SALA / DIA

Rubens está em pé e Tici e Lucas estão sentados no sofá. Lucas e Tici riem quando Júnior entra na sala, chegando por trás do sofá.

RUBENS

Senta aí pivete, vou colocar um lanche pra vocês.

JÚNIOR

Não, a gente já precisa ir.

TICI

É, a gente tá apressado.

RUBENS

Tão apressados pra que?

O homem ri e vai até na cozinha e começa a fazer um sanduíche.

RUBENS (O.S)

Apressado, só me faltava essa. Cês tem quantos anos?

Os três se olham em silêncio.

TICI

Catorze.

O homem ri alto da cozinha.

RUBENS (O.S)

Tá bom então...

Júnior olha para os dois. O homem retorna, coloca um prato com sanduíches em uma mesa na frente do sofá e senta perto deles.

RUBENS

Então quer dizer que vocês tem pressa?

TICI

É que nosso pai tá esperando a gente.

LUCAS

É. Já já ele bate por aqui.

HOMEM

Estranho nunca ter visto vocês por aqui.

TICI

A gente se mudou recentemente.

O homem come o sanduíche. Os três beliscam o sanduíche, receosos.

RUBENS

Ah sim. É uma ótima rua.

Um cachorro começa a latir ao fundo. O homem joga o sanduíche no prato, com raiva e sai da sala.

RUBENS

Calma aí Penelope.

JÚNIOR

A gente tem que sair daqui!

TICI

Ahm?

Júnior olha para onde o Homem saiu, se certifica de que ele já está longe e olha para os meninos. O menino do quarto entra na sala. Rubens volta. Lucas e Tici param de comer e ficam paralisados.

RUBENS

Não dá boa tarde pras visitas não, Felipe? Deixa de ser mal educado que não te criei assim.

Alguns segundos de silêncio na sala.

FELIPE

Boa tarde.

Rubens se senta novamente perto do sofá, ligando a televisão da sala.

FELIPE

Eu vou sair tá?

RUBENS

De novo, Felipe? Acabou de chegar em casa, vai sair mais não. Vá tomar seu banho e depois venha comer.

FELIPE

Ah, pai, pelo amor de Deus. Não sou mais criança não.

RUBENS

Não vou repetir!

Felipe sai, contrariado, de volta por onde entrou.

55. INT / SALA / DIA

Os três permanecem sérios, sentados na sala. Rubens aumenta o volume da TV e come enquanto assiste um programa. Ele termina, olha para os três e sai da sala.

RUBENS

Não saiam sem falar, volto já.

Felipe chega na sala sem boné e atravessa para a cozinha, vai até o fogão e começa a fazer um sanduíche. Ouvimos um barulho de porta batendo. Lucas olha rapidamente para Júnior e para Tici. Os meninos permanecem na sala, encarando a televisão enquanto escutam Felipe deixando pratos na pia. Felipe atravessa a sala. Ouve-se um som de porta batendo seguindo de um chuveiro sendo aberto.

LUCAS

(sussurrando)

É agora ou nunca.

TICI

(sussurrando)

Eu tenho um plano...

56. INT / QUARTO DO MENINO / DIA

Lucas adentra o quarto do menino. Ele vê sua mochila ao lado da cama e a pega. Júnior e Tici o esperam do lado de fora do quarto. Dentro do banheiro, o filho desliga o chuveiro. Júnior bate na porta e olha para Lucas. Tici também o olha, apreensiva. Lucas coloca a mochila nas costas e sai correndo apressado do quarto.

Felipe abre a porta do banheiro quando os três fecham a porta da sala. Rubens sai da cozinha segurando doce de leite e algumas colheres.

HOMEM

Meninos?

57. EXT. / RUA / DIA

Os três correm desesperados por uma rua. Param, sem fôlego e riem, felizes. Lucas com sua mochila nas costas. Os três riem até ficar com falta de ar.

58. EXT. / CENTRO / NOITE

Os três caminham por uma rua do centro repleta de lojas. As lojas estão fechadas e há pouca iluminação na rua. Tici segura a carta na mão e os três caminham mais devagar, olhando o mapa.

TICI

Eu acho que essa rua fica...

Eles percorrem o mapa com os olhos.

LUCAS
Quatro quarteirões?

Tici olha, pensativa.

TICI
Acho que sim.

Os três andam olhando para baixo, quando esbarram em um vendedor de pipoca. O vendedor olha para os três.

VENDEDOR
Perdidos?

LUCAS
Não.

TICI
A gente tá procurando só a loja de uma tia.

VENDEDOR
(se aproximando para ver o mapa)
Qual rua?

Tici dá um passo para trás com os meninos.

TICI
A gente já sabe como chegar.

Duas crianças de mais ou menos 9 anos chegam correndo e abraçam o senhor. Tici fica olhando. O homem dá um pacote de pipocas para as duas crianças. Ele vê que Tici observa e anda devagar. Ele pega outro saco de pipoca e estende para Tici.

VENDEDOR
Quer?

Tici recusa com a cabeça. Ela coloca a carta dentro de um envelope e o guarda no seu bolso. O homem da pipoca observa Tici. Lucas e Júnior caminham mais na frente. As crianças correm perto de Tici e do senhor da pipoca. Tici se atrapalha no meio das crianças e esbarra no senhor enquanto tenta sair da confusão. É quando o senhor passa a mão no bolso de Tici e pega o envelope. Tici não percebe, consegue sair e corre para perto dos meninos.

59. EXT / CENTRO / NOITE

Os três caminham juntos por uma rua de casas, a rua está mal iluminada e vazia.

JÚNIOR

É rua o que mesmo?

LUCAS

Vê aí de novo o nome da rua, Tici.

Tici abre a mochila e procura o envelope. Ela não acha. Em seguida procura no outro bolso. Nada. Assustada ela abre sua mochila e começa a tirar tudo de dentro, até achar a caixinha. Lucas e Júnior começam a olhar para o chão, procurando. Tici folheia freneticamente as cartas de dentro da caixinha, tirando-as de dentro uma por uma.

TICI

Não, não, não.

Lucas e Júnior estão parados na frente dela. Lucas rói as unhas e Júnior olha para os lados. A rua está pouco iluminada. Os dois estão com medo.

JÚNIOR

Nada?

TICI

(guardando as cartas dentro da caixinha)

Nada.

Os dois se sentam ao lado de Tici. Um Táxi passa, o homem no volante abaixa o vidro e olha discretamente para os três.

Tici levanta a cabeça aos poucos, pensando.

TICI

Mas...

LUCAS

O que?

TICI

Eu lembro o nome da rua.

60. EXT / RUA VILA ROMERO / NOITE

Os três esperam parados de frente pra uma casa. Uma moça abre a porta e olha para eles.

TICI

Boa noite, você sabe onde fica a casa da Marta?

A moça olha pro lado, pensa.

MOÇA

Dona marta?

TICI

Sim.

MOÇA

Sei não, mas pergunta naquela casa amarela, que talvez saibam.

A moça fecha a porta e os três seguem.

61. EXT / RUA VILA ROMERO / NOITE

Um homem está com a porta aberta e os três estão de frente para ele.

HOMEM

Tenho certeza que fica de frente para uma árvore grande.

Os três olham para a rua, que está repleta de árvores.

Eles estão parados de frente para uma rua comprida e estreita.

Tici respira fundo e começa a andar pela rua, olhando os números da casa. Os dois a seguem.

62. EXT / RUA VILA ROMERO / NOITE

Tici bate na porta de outra casa na mesma rua e os três esperam, apreensivos. Uma menina de mais ou menos 10 anos abre a porta e quando vê os três, fica surpresa.

MULHER (O.S)

(gritando de dentro de casa)

Quem é?

MENINA

(gritando)

Três meninos.

TICI

Tu sabe aonde fica a casa da Dona

Marta?

A menina olha para as casas e em seguida olha para dentro de casa. A mãe chega junto na porta, olhando os meninos, desconfiada.

MULHER

Oi?

LUCAS

Onde fica a casa da Dona Marta? A senhora sabe?

A mulher fecha um pouco a porta. A menina enfia o rosto na brecha e olha para eles, a mãe a empurra com a mão.

MULHER

Dona Marta?

TICI

Isso.

MULHER

A Marta que eu conheço é aquela da casa da frente.

63. EXT / FRENTE DA CASA / NOITE

Os três esperam na frente da casa enquanto a maçaneta se move. Escutamos um barulho de passos se distanciando. Tici suspira, Lucas bate novamente na porta. Eles esperam. Ouvimos barulhos vindo de dentro de casa. Os barulhos param. Tici bate novamente na porta. A maçaneta se move, agora abrindo. Uma senhora (80), cabelos brancos, penteados para trás e vestindo um vestido longo solto sorri.

SENHORA

Pois não?

Tici olha a senhora por um instante. Lucas a cutuca.

TICI

A senhora é a Dona Marta?

SENHORA

Dona Marta?

Ela pensa por alguns segundos. Tici a olha.

TICI

Sim.

SENHORA

Sou sim.

JÚNIOR

A gente pode entrar?

A senhora sorri carinhosamente e abre totalmente a porta.

SENHORA

É claro, entrem, entrem.

64. INT / SALA DA SENHORA / NOITE

Os três entram na sala da senhora. Tici observa algumas fotografias dela na prateleira aonde está a televisão. A senhora se senta no sofá, diminui o som da televisão e olha para os três.

SENHORA

Sentem, podem sentar aqui.

Ela levanta e sai da sala. Os três se sentam apertados no sofá pequeno. Júnior cutuca Tici.

TICI

Que?

JÚNIOR

Será que ela sabe?

TICI

O que?

A senhora volta da cozinha com uma xícara de café na mão. Ela se senta em uma cadeira de balanço, perto do sofá. Tici olha para o chão, e pega em sua mochila.

SENHORA

Vocês são os amiguinhos da Carol?

Os três se olham, sem entender.

TICI

Não.

SENHORA

Achem que tivessem vindo brincar com ela. A pobrezinha tá tao sozinha.

JÚNIOR
(sussurrando)
Quem é Carol?

Tici belisca a perna de Júnior.

JÚNIOR
Ai!

A senhora fica olhando Lucas, ele desvia o olhar, com certo receio.

SENHORA
Sabe, eu tenho um filho, ele parecia muito com você quando era pequeno assim do seu tamanho.

Tici olha surpresa para Lucas e Júnior.

TICI
Um filho?

SENHORA
É sim, tive cinco. Um homem e quatro mulheres. Tão tudo vivendo suas vidas hoje.

Tici nota uma caixinha parecida com a de Helena em cima do móvel da sala. Ela fica olhando a caixa. A senhora nota e levanta da cadeira.

LUCAS
Tu deveria ter perguntado da tua mãe!

TICI
Eu vou né. Mas ainda não.

JÚNIOR
Óia. Porque?

TICI
Porque...

A senhora pega a caixinha e volta um ela nas mãos. Ela arrasta um pouco a cadeira pra mais perto do sofá e se senta. Tici levanta e vai para detrás da cadeira, os dois a seguem. A senhora abre a caixa. Vemos fotos antigas, de crianças, em preto e branco. A senhora sorri.

SENHORA
Essa aqui era eu. Bixinha, tão

magrinha.

À medida que ela vai tirando as fotos, as fotos vão se tornando mais recentes. Os três veem as fotos atentamente. A senhora passa por uma foto em que ela, nova, segura uma bebê de cerca de uns 4 anos no colo. Tici vai mais para perto.

TICI

Quem é essa?

SENHORA

É minha filha. Roberta. Aqui ela tinha acabado de chorar, eu tava tentando acalmar ela pra gente tirar a foto. Mas saiu assim a pobrezinha, com cara de choro.

A senhora continua passando as fotos.

SENHORA

Ó, aqui ela tava fazendo 15 anos, era a festinha de 15 anos dela... E essa aqui era da Maria. A formatura dela.

Os três se olham.

JÚNIOR

Mas essa não era a Roberta?

SENHORA

Sim, a Roberta.

LUCAS

Mas a senhora falou Maria.

A senhora pega as fotografias, coloca dentro da caixa e a fecha, um pouco chateada. Tici pega no braço de Lucas, o avisando para parar.

SENHORA

Já falei que era a Roberta, nos 15 anos dela!

TICI

A gente entendeu.

A senhora olha para a parede. O relógio marca 18h:30. Ela sorri e olha para os meninos.

SENHORA

Vou colocar uma jantinha pra vocês.

Ela se levanta e vai até a cozinha devagar.

TICI

A gente tá cheio.

SENHORA

Nada disso, essas crianças ficam comendo porcaria por aí e na hora da janta.

65. INT / COZINHA / NOITE

Três pratos cheios de sopa estão em cima da mesa da cozinha. A cozinha é pequena e arrumada.

SENHORA

Tá aqui já!

Tici entra na cozinha timidamente, em seguida Lucas e Júnior entram já se sentando na mesa. A senhora pega um prato no armário, se dirige até o fogão, pega uma colher e leva a colher cheia de sopa até próximo do prato. Quando ela chega até o prato, ela começa a tremer e não consegue colocar mais. Tici observa. A senhora permanece parada. Tici levanta e pega no braço da senhora, que inicialmente recua. Em seguida olha para Tici, que a ajuda a sentar-se. Depois coloca um prato em frente a senhora, que sorri. A senhora começa a comer normalmente. Tici senta em uma cadeira ao seu lado. Lucas e Júnior provam a sopa no mesmo momento e engolem forçados.

SENHORA

Tá delícia né?

LUCAS

Tá sim.

Júnior empurra o prato para frente e Lucas solta a colher no prato. Tici se segura para não rir. A senhora olha para Tici, que é a única que não tem um prato na sua frente.

SENHORA

Comeu rápido né? Tem que comer devagar minha filha.

Tici ri. Lucas e Júnior riem em seguida. Tici observa a cozinha. A senhora continua a comer devagar, Lucas e Júnior olham a sopa com nojo. Tici mexe em um copo em cima da mesa. Ela olha para a senhora, que permanece comendo olhando para o prato.

TICI
A senhora...

Um despertador começa a apitar. A senhora se levanta bruscamente da cadeira e vai com dificuldade até um quadro branco que tem vários papéis colados em cima. Ela vê tem um ''certo'' em cada papel colado e vai até a sala como se nada tivesse acontecido. Tici, Lucas e Júnior vão até o quadro e olham.

TICI
Dia 18. 19, 20?

JÚNIOR
Hoje é que dia?

LUCAS
Dia 27.

Tici continua olhando os papéis, confusa.

66. INT / SALA / NOITE

Sentada no sofá, a senhora assiste uma novela. Os três entram na sala. A senhora se surpreende com eles.

SENHORA
Vocês são os amiguinhos da Carol?

Os três ficam parados confusos.

SENHORA
Sentem aí que ela tá jantando e já já chega.

Ela sorri e dá umas batidinhas no sofá, os chamando para lá. Os três vão e se sentam no sofá. Eles ficam vendo televisão até que Tici quebra o silêncio

TICI
Dona Marta?

A senhora olha para ela, esperando Tici falar. É quando Lúcia (30), entra bruscamente na sala e sem olhar para os três segue para o caminho da cozinha.

LÚCIA
Desculpa, é que eu não consegui vir na semana.

Ela olha para o sofá e vendo as três crianças, se espanta e deixa cair um pacote que estava segurando.

Que diabo é isso?

A senhora fica sem saber o que falar. Tici olha para a senhora novamente, que permanece olhando para a moça no meio da sala.

TICI
Sou neta dela.

A moça coloca as sacolas que restavam no chão. Os dois ficam tensos.

LÚCIA
Que? Dona Maria não tem filhos.

TICI
Não tem? E quem é Roberta?

LÚCIA
Roberta?

TICI
Sim ela mostrou as fotos. Daquela caixa.

TICI
Ali só tem fotos da Dona Maria de quando era mais nova.

LUCAS
O nome dela não era Marta?

LÚCIA
Não!

SENHORA
É sim! Essa menina não sabe é de nada!

LÚCIA
Seria ótimo se fosse... E se fossem netos também... Vem Dona Maria, vou ajeitar a senhora pra dormir.

A moça se aproxima da senhora, que faz um gesto para que ela se afaste com o braço.

DONA MARIA
Ainda tá de tarde, não vou dormir
agora!

Tici abre sua mochila e tira de dentro outra carta. Ela a olha.

TICI
Tem certeza que ela não se chama
Marta?

LÚCIA
(mais chateada)
É claro que tenho, e que diabos vocês
tão fazendo aqui? É uma pegadinha é?

A moça se aproxima do sofá, os três levantam de uma vez. A senhora também levanta.

DONA MARIA
Deixa eles, tão assistindo novela
comigo.

LÚCIA
Vão atazanar outros vão! Anda!

A moça começa a expulsar eles.

LUCAS
Não mas a gente só quer saber se ela
é...

TICI
É essa aqui, dessa carta.

Tici estende a carta para a senhora, que tenta pegar, mas a moça entra no meio.

MOÇA
Por favor, vão embora. Vocês só tão
confundindo mais ela.

JÚNIOR
A gente não vai sem ter certeza de
que é ela.

A moça os coloca para fora de casa.

LÚCIA
Vão aperrear outro!

Quando ela já está quase fechando a porta, Tici coloca a mão e a impede.

TICI

Por favor! A gente demorou o dia inteiro pra achar. Eu preciso saber se ela é minha avó.

Lúcia respira fundo, abre a porta e sai de casa, ficando na rua com os três.

LÚCIA

Vocês parecem ser inteligentes. Já devem ter notado que a Dona Maria não tá muito bem da cabeça né? Sinto muito, minha filha. Cê deve tá procurando outra pessoa. Ela não tem filho. Essas fotos aí que ela mostrou são de quando ela era criança. A pobre. Eu tento vir aqui todo dia pra dar uma ajuda. O cunhado dela que me paga uns trocados. Enfim, vão indo que eu tenho que ajeitar as coisas aqui. Passar bem.

Lúcia fecha a porta.

67. EXT / RUA / NOITE

Na frente da porta, os três ficam parados, encarando a porta. Tici bate na porta. Ninguém vem. Lucas pega no ombro de Tici, que recua. Júnior bate na porta, mas a casa está em completo silêncio.

JÚNIOR

E agora?

Tici começa a andar se distanciando da casa. Lucas corre e a para.

LUCAS

Não Tici.

TICI

O que foi? Não é ela, tu não ouviu?

LUCAS

Mas.

Tici continua andando com os olhos cheio de lágrimas, os dois meninos a acompanham, cabisbaixos.

68. EXT / PRAÇA / NOITE

Tici chora sentada em um banco de uma praça vazia. Lucas e Júnior estão ao seu lado. Tici abre sua mochila, ainda chorando, pega a caixinha e joga no chão. As cartas voam e param no chão na frente deles. Júnior levanta e pega as cartas, catando de uma por uma.

JÚNIOR

Tici vamo voltar pra casa.

Lucas ajuda Júnior e pega as cartas no chão. Uma das cartas voa e Lucas corre para a pegar. Tici continua sentada no banco, ela enxuga as lágrimas. Ele pega a carta, um pouco mais longe. Ele lê a carta e caminha na direção dos dois. Tici levanta do banco. Pega as cartas na mão de Júnior.

TICI

Acho que a gente tem que voltar.

Lucas chega do lado deles, Tici estende a mão e tenta pegar a carta.

LUCAS

Não, pera.

TICI

O que?

Lucas pega as outras cartas, na mão de Tici.

TICI

O que? Não, me dá. A gente já entendeu que não é ela.

Lucas lê as outras cartas, ele está surpreso.

TICI

O que que tu tá lendo?

LUCAS

Tu leu as cartas Tici?

TICI

Claro né.

Tici pega com força as cartas na mão de Lucas.

LUCAS

Todas mesmo?

Tici fica pensativa. Lucas entrega um envelope para Tici.

LUCAS

Olha de onde essa foi enviada.

TICI

São Paulo. O que que tem? Tem umas que ela mandou de lá.

LUCAS

E a data? Tu viu?

Tici olha cuidadosamente o envelope e vê que foi enviada em 1998.

TICI

Dois anos atrás?

Tici permanece parada olhando o envelope. Ela o abre e vê que ele está vazio.

TICI

Cadê a carta?

Os três levantam e olham em volta, procurando algo no chão, mas não há nada por ali.

LUCAS

Talvez não tivesse dentro.

JÚNIOR

Ela mora em São Paulo?

LUCAS

Acho que sim.

Uma moto chega a toda velocidade e freia na frente dos três. Eles recuam um pouco, assustados. A mulher tira o capacete. É Helena. Ela corre até Tici e a abraça.

HELENA

Tici do céu tu só pode querer me matar.

Helena segura o rosto de Tici. Ela vê as cartas na mão de Tici, pega outras do eu bolso.

HELENA

Sabia que tu vinha parar aqui. Quando vi que tu tinha sumido com minha caixinha.

TICI
(com os olhos cheio de lágrimas)
Porque tu mentiu?

Helena solta Tici.

TICI
Porque?

Helena se afasta um pouco.

HELENA
Eu não sei, não sei. Vamo pra casa
tá?

Helena olha para Tici, em seguida para os meninos, que observam tudo. Tici se mantém calada. Helena a abraça novamente.

69. INT / CASA DE LUCAS / DIA

Tici, Lucas e Júnior estão sentados na sala de frente para a TV. O cabelo de Tici está mais comprido e em seus olhos há um pouco de maquiagem. Lucas e Júnior estão um pouco maior. Eles assistem um filme e comem pipoca. A campainha toca e Romero passa pela sala e abre a porta.

ROMERO
Tici?

Helena entra na sala, Clara segura sua mão. Vendo Tici, Clara corre até ela.

CLARA
Tici!

Clara abraça Tici.

HELENA
Vamos?

TICI
Mas já?

JÚNIOR
Vocês já vão?

HELENA
Tá na hora, já coloquei as malas no
carro.

Tici olha as horas em um relógio.

TICI
Passou rápido né?

Tici levanta, se despede com um toque de mão dos dois. Ela chega até a porta.

LUCAS
Tu volta mesmo né?

Tici se vira, olha para os dois.

TICI
Claro que sim.

Os três sorriem. Tici já vai sair da casa de Lucas, quando os dois se levantam, correm até ela e a abraçam.

70. INT / CARRO / DIA

Tici está sentada no banco ao lado de Helena, que dirige o carro. Clara está no banco traseiro chupando um pirulito. Tici segura a caixinha de cartas na mão. Ela olha para Helena. Helena permanece séria olhando a estrada a sua frente. Tici vira a cabeça e olha através do vidro do carro. Ela abaixa o vidro e sente o vento que bate nos seus cabelos.

FIM

